

Faculdade Canção Nova

Thiago Junior Luiz Pereira

A Eclesiologia desenvolvida por Padre “Zezinho” na música
“De Lá Do Interior” sob a perspectiva do Decreto Inter Mirifica

**Cachoeira Paulista
2021**

Faculdade Canção Nova

A Eclesiologia desenvolvida por Padre “Zezinho” na música
“De Lá Do Interior” sob a perspectiva do Decreto Inter Mirifica

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para
obtenção do grau de bacharel em Teologia
na Faculdade Canção Nova sob a
orientação do Prof. Ms. Pe. Ademir Pereira
da Costa.

Cachoeira Paulista

2021
RESUMO

A revelação da identidade do homem à luz do mistério de Cristo a partir da *Gaudium et Spes* é o título da presente monografia, de cunho analítico-teórico. Dentro da linha de pesquisa teológica essa monografia versa sobre os aspectos relevantes do ser humano que encontra sua verdadeira identidade em Jesus Cristo, tendo como base os documentos conciliares e de forma especial a *Gaudium et Spes*. O caminho percorrido será a partir do mistério da criação que tem como ápice o ser humano, imagem e semelhança de Deus. Tendo este caído no pecado é redimido por Cristo que lhe revela a verdadeira identidade. Porém, a plenitude dessa identidade será contemplada no reino escatológico, onde temos a Virgem Maria como precursora e modelo.

PALAVRAS-CHAVES: Concílio; *Gaudium et Spes*; Cristologia; Antropologia; Identidade; Redenção; *Imago Dei*.

RIASSUNTO

La rivelazione dell'identità dell'uomo alla luce del mistero di Cristo a partire dalla *Gaudium et Spes* è il titolo di questa monografia, di carattere analitico-teorico. Nell'ambito della ligna di ricerca teologica, questa monografia affronta gli aspetti rilevanti dell'essere umano che trova la sua vera identità in Gesù Cristo, sulla base dei documenti conciliari e, in modo speciale, della *Gaudium et Spes*. Il cammino intrapreso partirà dal mistero della creazione che ha come culmine l'essere umano, immagine e somiglianza di Dio. Caduto nel peccato, è redento da Cristo che rivela la sua vera identità. Tuttavia, la pienezza di questa identità sarà contemplata nell'ambito escatologico, dove abbiamo la Vergine Maria come precursore e modello.

Parole chiave: Concilio; *Gaudium et Spes*; Cristologia; Antropologia; Identità; Redenzione; *Imago Dei*.

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	5
<u>1 A IGREJA NO MUNDO RURAL DA IDADE MÉDIA</u>	7
<u>1.1 Contexto Histórico da sociedade na Idade Média</u>	7
<u>1.2 O relacionamento e influência entre a Igreja e a sociedade ruralizada da Idade Média</u>	12
<u>1.3 A comunicação propagada pela Igreja na Idade Média</u>	25
<u>2 A IGREJA NO MUNDO URBANIZADO DA IDADE MODERNA E CONTEMPORÂNEA</u>	30
<u>2.1 O relacionamento e a influência entre a Igreja e a sociedade urbanizada na Idade Moderna</u>	30
<u>2.2 O relacionamento e a influência entre a Igreja e a sociedade urbanizada na Idade Contemporânea</u>	40
<u>2.3 A influência do meio de comunicação social da música como manifestação da fé na Igreja Católica</u>	47
<u>CONCLUSÃO</u>	51
<u>REFERÊNCIAS</u>	51

INTRODUÇÃO

O Concílio Vaticano II trouxe o desafio da eficácia na evangelização da Igreja Católica Romana nos grandes centros urbanos. Diante da migração da sociedade do ambiente rural para as regiões urbanizadas requereu uma reflexão da Igreja se ainda a evangelização realizada no meio rural era eficaz neste novo ambiente. Esta migração contribuiu para o esfriamento dos fiéis perante as oportunidades oferecidas neste contexto social.

Por este motivo, a pesquisa pretendeu estudar a contribuição da música “De lá do interior” do compositor “Padre Zezinho” para eclesiologia cristã como um meio de comunicação social eficaz para a evangelização dos fiéis sobre a perspectiva do decreto conciliar *Inter Mirifica*. É por meio da comparação entre a influência da Igreja no mundo, tanto ruralizado quanto urbanizado, e das experiências de fé contidas na música que se demonstrou a eficácia da evangelização com e sem a interferência dos meios de comunicação social. Além do Decreto Conciliar *Inter Mirifica* sobre os meios de comunicação social, a monografia se baseou em outros documentos pontifícios a respeito dos meios de comunicação social que nortearam a Igreja Católica até os dias atuais.

A presente pesquisa possui sua relevância pelo fato de que a música é um instrumento de evangelização antigo na Igreja com a qual permanece atual na sociedade contemporânea. Essa eficácia é evidenciada pela pré-disposição da sociedade realizar suas escolhas mediante os sentimentos e emoções, elementos contidos na música. O conteúdo expresso neste meio de comunicação social, composto pelo Padre Zezinho, é acessível a todos os fiéis, tanto pela simplicidade do conteúdo teológico, quanto as faixas etárias alcançadas.

Além disso, a relevância acadêmica neste estudo contribuiu para o entendimento de como transformar um conteúdo teológico complexo em conteúdo compreensível e acessível a qualquer leitor que não tenha estudado a teologia cristã católica. A relevância pessoal do discente sobre este assunto se fundamentou na possibilidade de colocar em prática este conteúdo num futuro próximo, uma vez que, estuda o curso de Teologia em vista de assumir o ministério sacerdotal.

Do ponto de vista metodológico, a presente monografia praticou um estudo bibliográfico por meio de livros, de artigos, de revistas científicas e da internet sobre os documentos pontifícios, os acontecimentos de História e da História da Igreja, do mesmo

mesmo modo que explorou conteúdos referente aos meios de comunicação social na Igreja e no mundo.

Para evidenciar este intento, o primeiro capítulo foi desenvolvido sob a ótica da Igreja Católica no mundo rural da Idade Média. Nele, refletiu-se sobre o contexto histórico da sociedade a partir de fatos relevantes a realidade rural do mundo, especialmente na Europa Ocidental. Além disso, evidencia-se o relacionamento da Igreja com nesta realidade rural do mundo, assim como a sua influência política, social e religiosa. Outro aspecto retratado acerca deste período foi o uso e influência dos meios com a qual a igreja comunicou a fé católica.

No segundo capítulo, debateu-se sobre a Igreja Católica sob os aspectos do mundo urbanizado da Idade Moderna e Idade Contemporânea. O advento dos meios de comunicação social contribuiu para gerar uma crise institucional na Igreja Católica. Essa crise foi motivada por pensamentos e ideologias transmitidas pelos meios de comunicação, com a qual culminou na censura e repressão destes instrumentos por parte da Igreja. Além disso, é neste período que a Igreja iniciou a escrita de documentos pontifícios orientativos referente aos meios de comunicação, assim como a evolução deste pensamento até a sua aceitação. Por fim, evidencia-se a influência da comunicação social na manifestação e na evangelização da fé católica.

1 A IGREJA NO MUNDO RURAL DA IDADE MÉDIA

1.1 Contexto Histórico da sociedade na Idade Média

A Igreja cristã sofreu com as perseguições do Império e da religião judaica na antiguidade até ser admitida como uma religião na sociedade da Idade Antiga. Esse progresso, permitiu que a Igreja pudesse influenciar diretamente na história político-social do homem medieval. Para isso, aprofundar-se-á sobre alguns acontecimentos relevantes ao contexto histórico-político da sociedade rural da Idade Média na formação do continente europeu. Este período será estudado sob a perspectiva de uma sociedade que vivia a experiência de uma vida nos campos do sistema feudal ou possuía uma mentalidade ruralizada nas cidades emergentes.

A Idade Média comumente se divide em Alta Idade Média e Baixa Idade Média, segundo Koshiha (cf. 2000, p. 148) e Braick e Mota (cf. 2007, p. 108); entretanto, é crescente a aceitação da divisão em três períodos. Este capítulo dividiu a Idade Média em três períodos conforme Aquino (cf. 2018a, p. 19) e Pierini (cf. 2014, p. 6), que, por influência alemã e francesa, dividem a Idade Média em Primeira Idade Média de 450 até 950, Alta Idade Média de 950 até 1250 e Baixa Idade Média de 1250 a 1500.

Ao final da Idade Antiga, o Império Romano estava dividido em duas regiões geográficas, Ocidente e Oriente, desde o imperador de Diocleciano (284-305). O Ocidente constituía as regiões da África do Norte, Espanha, Gália, Itália e Ilírico e o Oriente, a Grécia, Ásia Menor, Síria, Palestina e Egito. A região Ocidente foi chamada Império Romano do Ocidente e à região Oriente, Império Bizantino. Essa separação ocorreu com maior intensidade após a morte do imperador Teodósio (379-395) ocorrida no ano 395, com a qual o Império Romano do Ocidente e o Império Bizantino apresentaram divergências na postura política, cultural e teológica, principalmente a respeito dos bárbaros¹ (cf. MATOS, 1997, p. 96.114-115).

O Império Romano do Ocidente representado pela cidade de Roma, tendo como representante Flávio Honório (395-423), foi influenciado por Estílico (359-408), primeiro ministro vândalo, com a qual incorporou estes povos ao Império. No Império Bizantino,

¹ Segundo Braick e Mota (2000, p. 105) a etimologia do termo bárbaro tem sua origem no grego, e significa gago ou balbuciente. Os helênicos utilizavam-na para designar os estrangeiros.

Constantinopla fortaleceu o nacionalismo contra a influência bárbara por meio do rei Arcádio (395-408), desviando-os para o Império Romano do Ocidente (cf. PIERRARD, 2002, p. 61). Ressalta-se que, a partir do século V, mesmo com algumas divergências a respeito das perspectivas políticas, culturais e teológicas a unidade do cristianismo e do Império permanecia a mesma, a única divisão para efeitos didáticos foi a geográfica (cf. MATOS, 1997, p. 114-115).

Desde o início do século V, quando os Visigodos sob o comando de Alarico (395-410) tomaram e saquearam Roma, o Império Romano do Ocidente foi submetido a ondas de ataques dos povos germânicos (visigodos, ostrogodos, vândalos, burgúndios, anglos e saxões e outros), com a qual perdeu regiões na Europa Central e Ocidental. Estas invasões foram motivadas pelos povos eslavos e asiáticos que conquistaram territórios da Europa pertencentes aos germânicos. Em 476, Roma é tomada pelos Visigodos e o Império Romano do Ocidente é desfeito (cf. BRAICK; MOTA, 2007, p. 105; MATOS, 1997, p. 115; PIERRARD, 2002, p. 51-52).

Na primeira Idade Média, a partir do século VI, ocorre a ascensão da dinastia merovíngia entre os francos através da coroação de Clóvis como rei. A sucessão de dinastias, de merovíngia para carolíngia, nesta região culminará em um novo Império do Ocidente, o Império Carolíngio e Carlos Magno é coroado como imperador no século VIII. (cf. BRAICK; MOTA, 2007, p. 108; KOSHIBA, 2000, p. 149-151).

Outro ponto que influenciou o Império Romano do Ocidente na primeira Idade Média, foi um retrocesso demográfico vivido pela Europa durante os séculos V e VIII devido as guerras, carestias e as epidemias, com a qual empobreceu toda a população e concentrou riquezas sob o domínio de poucos, ocasionado a miséria na maioria da população. Com relação as doenças, não havia uma mais expressiva do que a lepra até o século VI. Da metade do século VI ao VIII reaparece a varíola e a peste bubônica é conhecida pela primeira vez. A partir do século VIII, enquanto a lepra, a varíola e a peste perdem a força, surge as epidemias do “fogo santo” e da gripe, bem como a endemia da malária, que se estenderão até a metade da Alta Idade Média (séc. XI) (cf. PIERINI, 2014, p. 33).

Durante o século VII, na primeira Idade Média, é relevante ressaltar o início da pregação e Hégira de Maomé que culminou na expansão islâmica até o século XIII com conquista de territórios da Igreja Oriental, bem como territórios da Igreja Ocidental, chegando a conquistar a Península Ibérica (Espanha). A expansão islâmica era motivada pela “Guerra Santa” (*gihad*) contra os inimigos de Alá, principalmente cristãos e judeus, os perseguidores de Maomé (cf. KOSHIBA, 2000, p. 139-144; PIERINI, 2014, p. 31.101.201). Neste mesmo

período, Matos (cf. 1997, p. 131.179-181.191-195) e Koshiba (cf. 2000, p. 150) retratam a invasão dos lombardos ao exarcado de São Pedro.² O papa Estevão II (752-757) pediu o auxílio do Rei Pepino, o breve (751-768) que o concedeu a assistência necessária para vencer os lombardos. Após esta vitória contra estes bárbaros, Pepino, o breve, firmou o pacto de Kiersky (754) com a Igreja Ocidental. Este pacto criou o estado pontifício e tornou o papa “senhor temporal” para que pudesse ter mais autonomia e se defender de futuros inimigos.

Carlos Magno (768-814), filho e sucessor de Pepino, o breve, continuou a união entre estado e Igreja iniciada por seu pai. Para ele, o desenvolvimento e a difusão do evangelho na Igreja também era sua missão, pois se sentia rei e sacerdote. O seu reino seria beneficiado pela cultura, religiosidade e desenvolvimento social aos súditos por vivenciarem o cristianismo. No tempo de Carlos Magno a Igreja experimentou novo florescimento da fé por sua intrínseca união com o Estado (cf. MATOS, 1997, p. 195-201).

A Primeira Idade Média se encerra no século IX com o início do feudalismo.³ Segundo Koshiba (cf. 2000, p. 151-152) o sistema feudal originou-se pelo fortalecimento da nobreza carolíngia. Neste período, não havia a monetização como forma de pagamento, a nobreza do Império Carolíngio recebia pelos serviços prestados ao imperador por meio da concessão de terras.

O segundo período da Idade Média, a Alta Idade Média, inicia com a migração dos homens livres da cidade para as terras dos guerreiros imperiais, também senhores e proprietários, com a qual vivenciavam o sistema feudal. Essa migração de pessoas fez ruir o Império Carolíngio. As terras sob o domínio da igreja foram secularizadas pelos senhores, submetendo e elegendo os clérigos do seu feudo (cf. PIERRARD, 2002, p. 76-78).

A partir dos senhores feudais, preconiza-se a querela das investiduras, importante acontecimento da Alta Idade Média, com a qual obteve seu auge quando o rei germânico Otão da Saxônia (936-973) é coroado imperador do Sacro Império Romano Germânico.⁴ Este imperador limitou o poder papal e a eleição do pontífice seria submetida à sua anuência.

²O exarcado de São Pedro correspondia ao território da Igreja Ocidental, que se estendia de Orvieto do Norte até Terracina ao sul, região da atual Itália. Após a vitória contra os lombardos e instituição do “Pacto de Kierski”, acrescentou-se ao território da Igreja Ocidental o Exarcado de Ravena (cf. MATOS, 1997, p. 179-180).

³ O feudalismo foi “um sistema de organização econômica, social e política baseado nos vínculos de homem a homem, no qual uma classe de guerreiros especializados – os senhores -, subordinados uns aos outros por uma hierarquia de vínculos de dependência, domina uma massa campesina que explora e lhes fornece com que viver” (BRAICK; MOTA (2007) apud LE GOFF (1980), p. 109).

⁴ A querela das investiduras constituiu na nomeação de leigos aos cargos eclesiásticos pelos senhores feudais, reis e imperadores. Aos moldes do Império de Carlos Magno, mas com interesses particulares, eles secularizaram as propriedades eclesiásticas e elegiam as pessoas como se fossem administradores das suas propriedades. Estas ações em nome da Igreja trouxeram grandes prejuízos a vida espiritual e santidade de seus membros (cf. MATOS, 1997, p. 204-205; PIERRARD, 2002, p. 77-78).

Somente em 1122, com a Concordata de Worms, distinguiu-se os poderes temporais (Imperadores e Reis) dos espirituais (Papa), juntamente com suas respectivas funções (cf. HOLMES; BICKERS, 2006, p. 100; MATOS, 1997, p. 225-233.237-241; PIERINI, 2014, p. 95-96; PIERRARD, 2002, p. 77-80.84-85.94).

Outro ponto a destacar da Alta Idade Média é o comércio. Ele é conhecido desde a antiguidade, entretanto em todo o período da Idade Média, passou por transformações. Antes da Alta Idade Média ele era movimentado pelo dinheiro. Durante este segundo período da Idade Média, devido ao sistema feudal ser essencialmente agrícola, sua maneira se modificou para o escambo, na qual havia a troca do produto produzido pelo produto que se necessitava. Com a evolução de técnicas para o cultivo agrícola, principalmente pela contribuição dos monges, ocasionou a especialização do trabalho dos camponeses, o que favoreceu o aparecimento de outras atividades, tais como a mercantil e a artesanal que, diferentes da agrícola, necessitavam de dedicação integral. A partir do século XI, estas novas profissões fizeram surgir os burgos e conseqüentemente o retorno da monetização na vida econômica medieval.⁵ Estes locais eram rotas comerciais devido seu fácil acesso, inclusive das Cruzadas e dos comerciantes que as acompanhavam, (cf. BRAICK; MOTA, 2007, p. 135.140-141; KOSHIBA, 2000, p. 169-171).

É relevante também ressaltar na Alta Idade Média as Cruzadas que foram uma resposta da Igreja católica à Guerra Santa muçulmana com o objetivo de reconquistar os lugares santos ao cristianismo. Elas foram iniciadas pelo combativo Papa Urbano II, com a qual totalizaram oito cruzadas permanecendo até o século XIII. Ressalta-se que tais guerras santas desempenharam grande influência para o desenvolvimento da civilização cristã europeia (cf. BRAICK; MOTA, 2007, p. 142-144; HOLMES; BICKERS, 2006, p. 101-104; KOSHIBA, 2000, p. 218-219; MATOS, 1997, p. 264-269; PIERINI, 2014, p. 87.101-105).

Já ao final da Alta Idade Média, verifica-se a emergência da vida intelectual através das universidades fundadas desde o fim do século XI. Inicialmente, tais instituições estavam vinculadas a Santa Sé e compostas por quatro cursos: artes liberais, medicina direito e teologia. Além disso, neste mesmo período, iniciou-se a construção das Igrejas catedrais financiadas pela burguesia oriunda dos burgos (cf. BRAICK; MOTA, 2007, p. 140; HOLMES; BICKERS, 2006, p. 111-112; KOSHIBA, 2000, p. 191-196; MATOS, 1997, p. 87. 271-274).

⁵ Os burgos nasceram de aglomerações de mercadores que originaram as cidades medievais. “Instalados em geral na periferia de uma cidade antiga, de um castelo ou de um mosteiro, os burgos eram uma espécie de bairro, situado em local aberto, fora das muralhas protetoras das antigas cidades” (cf. KOSHIBA, 2000, p. 170).

Já entrando na Baixa Idade Média (1250-1500), o fortalecimento do comércio e a vida intelectual na Alta Idade Média favoreceram para o enfraquecimento do feudalismo nesse período. Neste sentido, os burgos, tornados centros comerciais e cidades importantes, contribuíram para o retorno da monarquia na Europa. Esta modalidade de governo unificou territorialmente as regiões limítrofes e deu origem às nações europeias (cf. BRAICK; MOTA, 2007, p. 140-141).

Ressalta-se dois modos expressivos de monarquias da época: a francesa e a inglesa. Na primeira, o rei possuía o poder único sobre o seu reinado, configurando-o numa monarquia absolutista. Na segunda, o rei se submetia ao parlamento, liderado pelo primeiro ministro. Ambos os reinados se subordinavam somente ao bispo que representava o poder espiritual sobre a monarquia, pois era a mentalidade medieval (cf. KOSHIBA, 2000, p. 176-179).

À semelhança da Primeira Idade Média no período entre os séc V ao séc. VIII, a fome, epidemias e guerras voltaram a assolar a Europa também durante a Baixa Idade Média, nos séculos XIV e XV. O crescimento demográfico desproporcional a estrutura produtiva feudal acarretou na fome pelo continente. Além disso, a instabilidade climática com chuvas torrenciais ou secas provocaram a diminuição das colheitas, agravando ainda mais a ausência de alimentos para a população. (cf. BRAICK; MOTA, 2007, p. 145; KOSHIBA, 2000, p. 179-180; PIERINI, 2014, p. 149; PIERRARD, 2002, p. 158).

Com relação às epidemias, a que mais dizimou a população, cerca de um terço, foi a peste bubônica ou peste negra entre os anos 1347 e 1350. Além disso, cresceram o número de endemias como a gripe, a varíola e a desintéria. Outras epidemias deste tempo que influenciaram para a diminuição da população foram o “baile de São Vítor” e a sífilis. Tanto as doenças quanto as mudanças climáticas proporcionaram o empobrecimento de toda a população e a concentração das riquezas sob o domínio de poucos (cf. KOSHIBA, 2000, p. 181; PIERINI, 2014, p. 148-149).

Ainda neste último período da Baixa Idade Média, ressalta-se os conflitos internos e externos na formação dos estados europeus. Em relação aos conflitos internos, a grande mortalidade ocasionada pelas doenças, gerou revoltas populares no campo e na cidade. Um exemplo de revoltas citadinas aconteceu entre os artesãos contra os reis que reivindicavam melhores salários. Nos campos, o movimento popular campesino das *jacqueries* reivindicavam melhores condições de trabalho (cf. BRAICK; MOTA, 2007, p. 145)⁶. Todas

⁶ *Jacqueries* é o “nome dado aos movimentos sociais rurais franceses. A expressão derivou-se de Jacques bon homme, isto é, Jacques, o simples, apelido pejorativo dado aos camponeses pela nobreza” (BRAICK; MOTA, 2007, p. 145).

as revoltas foram reprimidas com muita ostensividade, entretanto obrigou aos setores dominantes repensar suas políticas de remuneração. Assim, a solução foi a melhoria na remuneração dos trabalhadores, bem como a emancipação dos servos (cf. KOSHIBA, 2000, p. 182-183).

Quanto aos conflitos externos, foram marcados pelas guerras entre reinos em busca de expansão territorial. Um exemplo disso, foi a Guerra dos cem anos (1337-1475), disputa entre a França e Inglaterra pela região de Flandres, importante região produtora de tecido e centro comercial. Estas guerras por território, somada às doenças ocorridas nos últimos séculos da Baixa Idade Média, contribuíram para um novo decréscimo demográfico na Europa. (cf. BRAICK; MOTA, 2007, p. 146; KOSHIBA, 2000, p. 181; MATOS, 1997, p. 315-316).

Ao final da baixa Idade Média, a sociedade medieval se deparou com novas invenções tecnológicas, cuja origem desse avanço se deu no feudalismo. Estes instrumentos auxiliaram os homens em seu trabalho como uso de animais para carregar peso ou tração, carroças, arados, moinho movido a roda d'água, moinho de vento, entre outros instrumentos agrícolas. Alguns avanços ocorreram com a substituição da matéria-prima na fabricação destes utensílios; uso de metal em vez de madeira. Na construção das Igrejas, o avanço se deu pelo uso de arcos e abóbodas sem colunas centrais. Além desses, em 1450 Gutemberg inventa um novo instrumento de comunicação social: a primeira imprensa. A primeira publicação muito conhecida foi a bíblia de 42 linhas, a qual era intitulada a Bíblia de Gutemberg. (cf. AQUINO, 2018a, p. 408; BRAICK; MOTA, 2007, p. 114.142; HOLMES; BICKERS, 2006, p. 143; KOSHIBA, 2000, p. 167; MATOS, 1997, p. 153).

Por fim, o último acontecimento desse período, a qual alguns autores delimitam o término da Idade Média em 1453 foi a queda da Cidade de Constantinopla, tomada pelos bárbaros, e conseqüentemente, o fim do Império Bizantino (cf. AQUINO, 2018a, p. 13).

Após esse panorama histórico da sociedade medieval serão evidenciados a influência e o relacionamento da Igreja nesta época.

1.2 O relacionamento e influência entre a Igreja e a sociedade ruralizada da Idade Média

No subitem anterior, falou-se sobre o contexto histórico da sociedade medieval, período tão importante para o desenvolvimento da sociedade no Ocidente. Em vista disso, neste subitem será abordada a grande influência e contribuição da Igreja do Ocidente na

formação e desenvolvimento da civilização ocidental a partir dos desafios enfrentados pela sociedade rural da Idade Média.

A Igreja deixou de ser perseguida após a promulgação do “Edito de Milão” (313) pelo Imperador Constantino (306-337), no qual definiu a neutralidade do Império Romano perante as religiões, principalmente aos cristãos. Anos depois (337), no leito de morte, o imperador receberia o batismo, tornando-se cristão. Esta prática acontecia, inclusive entre os cristãos, pelo medo de não ter tempo para realizar as penitências e alcançar a salvação. Entretanto, as ações de Constantino de colocar o símbolo cristão como identificação do Império (monograma “PX”) que resultou na vitória contra Maxêncio, a atitude de educar seus filhos sob o cristianismo e o apoio ao cristianismo indicam esta conversão (cf. MATOS, 1997, p. 95-98).

Com este marco, a Igreja pôde contar com um “braço secular” para exercer sua missão, expandindo o anúncio de Jesus Cristo às nações conforme o crescimento do Império (AQUINO, 2018a, p. 15; MATOS, 1997, p. 95). Esta união entre Estado e Igreja permaneceu até o século XV com o fim do Império Bizantino.

Como já fora assinalado anteriormente, o Império Romano, mesmo sendo único, possuía uma divisão territorial em duas regiões: Ocidente e Oriente⁷. Cada região adotou posturas políticas, culturais e teológicas próprias. Porém, a unidade no Império e na Igreja não havia sido rompida. O que nos interessa neste momento, é a atitude tomada em cada uma dessas regiões a respeito dos bárbaros (cf. MATOS, 1997, p. 96.114-115).

A partir do século V, as invasões dos povos bárbaros tanto ao Império Romano do Ocidente, quanto ao Império Bizantino se tornaram mais constantes porque este povo germânico perdeu território para os povos eslavos e asiáticos. A postura nacionalista do Império Bizantino favoreceu para resistir às investidas bárbaras, entretanto o Império Romano do Ocidente não resistiu às invasões e aos saques dos povos Visogodos, abrindo caminho para a futura queda do império (cf. BRAICK; MOTA, 2007, p. 105; MATOS, 1997, p. 115; PIERRARD, 2002, p. 51-52).

Segundo Matos (1997, p. 114-118), as principais causas da queda do Império Romano do Ocidente (476) foram a crise político-econômica e a crise militar do Império Romano do Ocidente. A crise político-econômica prejudicou o comércio e contribuiu para o retorno da economia rural, com a qual atingiu as bases sociais que sustentavam o Império Romano do Ocidente. Em relação a crise militar, as forças militares imperiais não conseguiram manter

⁷ Confira as páginas 1 e 2 deste trabalho sobre a divisão do Império Romano em dois com suas respectivas posturas políticas, culturais e teológicas.

suas fronteiras diante das grandes migrações dos povos germânicos e asiáticos. Por isso, muitos bárbaros já viviam no Império Romano do Ocidente, inclusive serviam como soldados de Roma, o que facilitou a tomada de Roma em 476.

Aquino (2018a, p. 14) afirma que enquanto o imperador havia abandonado Roma, o Papa São Leão Magno (440-461) defendeu o Ocidente, principalmente Roma da destruição total. Os bárbaros quando invadiam uma região, por não valorizarem o conhecimento, destruíam todas as coisas referente ao povo dominado. A Igreja Ocidental, através dos monges copistas, preservou a literatura da antiguidade, bem como as Sagradas Escrituras da erradicação na expansão bárbara. Matos (1997, p. 68) acrescenta que foi mérito dos cristãos, tanto do Ocidente quanto do Oriente, por grande parte da literatura greco-romana ter permanecido ilesa ao grande número de invasões e o retorno do analfabetismo.

Em relação ao aspecto cultural, após a queda do Império Romano, a Igreja permaneceu com a cultura anterior às invasões e dominações bárbaras, com a qual se constituiu a única herdeira da cultura da Antiguidade. Quanto ao aspecto político, em algumas regiões como África, Espanha e Itália o ambiente era desfavorável ao cristianismo. Os cristãos foram perseguidos até a conversão dos líderes bárbaros da região (cf. MATOS, 1997, p. 123).

Segundo Braick e Mota (2007, p. 106-107), outro motivo para queda do Império Romano foi a crise política das cidades que contribuiu para o processo de ruralização e enfraquecimento do império. Esta migração populacional e fragmentação política favoreceu o surgimento dos reinos bárbaros no próprio império e posteriormente a sociedade feudal. Além disso, Matos (1997, p. 109) confirma que devido a ação pastoral da Igreja ser concentrada na região urbana, a evangelização no ambiente rural avançava lentamente tornando-o vulnerável para permanência na paganização⁸. Pierrard (2002, p. 48) acrescenta que a raiz da paganização rural estava atrelada às crenças politeístas greco-romanas.

Diante desse desafio, o papa São Leão Magno (440-461) dispunha no mesmo ambiente rural, do auxílio necessário que exerceu grande contribuição na evangelização dos bárbaros e na criação da primeira rede de Igrejas rurais. Graças a monges como Hilário de Arles⁹, Sidônio Apolinário¹⁰, Pedro Crisólogo, os irmãos Leandro e Isidoro de Sevilha,

8 Matos (1997, p. 38) afirma que “‘pagãos’ são habitantes do interior, homens da roça”. Pierrard (2002, p. 48) acrescenta que a etimologia da palavra pagão tem raízes no termo *paganus* que significa camponês.

9 Este monge foi o “animador da Gália meridional, fortemente romanizada” (cf. PIERRARD, 2002, p. 53).

10 Autor de as Epístolas e o Carmina, “Sidônio ou Caio Sólido Sidônio (Gaius Sollius Sidonius Apollinaris; 430-c.486), trata-se de poeta, alto funcionário do Império Romano, bispo e santo da Igreja Católica, foi o autor individual sobrevivente mais importante da Gália do quinto século. A amplitude de seus conhecimentos o fez centro da vida pública de sua época” (LEIBNIZ, 2019. p. 343).

Martinho de Braga¹¹ e Avito de Vienne¹² a zona rural da Europa Ocidental foi cristianizada e as cidades remanescentes reevangelizadas (cf. PIERRARD, 2002, p. 53).

Pierrard ainda esclarece que

A ação da Igreja estava intimamente unida à ação dos monges. Não se trata ainda de um monasticismo inteiramente constituído, mas sim da irradiação de algumas grandes comunidades autônomas, que combinavam o cenobitismo e o eremitismo [...], um celeiro de bispos e doutores [...]. É bem verdade que os bispos e monges colaboravam estreitamente; reunindo em torno de si uma pequena comunidade fraternal de padres e dando-lhe um regulamento, o bispo de Hipona, Agostinho – pais dos cônegos regulares –, já demonstrara a força de que é capaz a aliança entre bispos e os monges (PIERRARD, 2002, p. 53).

As ações destes bispos e monges demonstram e confirmam ser um exemplo concreto do que diz a música “‘De lá do interior’: Aonde a religião/ Ainda é importante” (PADRE ZEZINHO, 1990). A religiosidade impressa por estes homens em suas comunidades, refletiam o cristianismo fecundado no meio rural e transbordante para outros ambientes e lugares¹³.

A influência desta evangelização foi tamanha que, em 496, o rei merovíngio Clóvis (481-511) se converteu ao cristianismo, na qual confirmou tal mudança com o recebimento do batismo por meio do seu evangelizador São Remígio (cf. AQUINO, 2018a, p. 14; HOLMES; BICKERS, 2006, p. 63). Este fato é determinante na história porque marca a fundação e cristianização do Reino Franco com a qual alicerçaram a civilização cristã medieval (cf. MATOS, 1997, p. 143).

Além de Clóvis, outras regiões povoadas pelos bárbaros (francos, germanos, eslavos, anglo e saxões) foram evangelizadas simultaneamente até o século VII, com a qual a conversão de reis obteve muitos frutos ao cristianismo (cf. MATOS, 1997, p. 118). Apesar da queda do Império Romano do Ocidente, o cristianismo difundido pela Igreja no Ocidente manteve a unidade, pois com a ausência de um imperador o papa São Gregório Magno (590-604) unificou os poderes temporal e espiritual nas questões respectivas a cristandade (cf. MATOS, 1997, p. 124).

A dinastia Carolíngia sucedeu a Merovíngia, com a qual iniciou aliança entre o estado e a Igreja. É por Pepino (751-768) que a Igreja Ocidental recebeu um território próprio com a criação do Estado Pontifício (754). Este acordo fundamentava-se na necessidade da

¹¹ “Fundador da Igreja portuguesa” (PIERRARD, 2002, p. 53).

¹² “Primaz dos burgúndios” (PIERRARD, 2002, p. 53).

¹³ Esta canção é a faixa 3 do álbum Sol Nascente, Sol Poente (cf. PADRE ZEZINHO, 1990), composta por José Fernandes de Oliveira, conhecido como Padre Zezinho. Ele é sacerdote brasileiro da Congregação do Sagrado Coração de Jesus (Dehonianos), pregador, escritor, compositor, professor, apresentador e cantor (cf. SCHWIRKOWSKI, 2019, p. 13.19-20.27-30.33-36).

independência da Igreja Ocidental para com o Império bizantino que não assumia a proteção da Igreja romana frente a segunda onda de invasões bárbaras. Carlos Magno (768-814) sucedeu Pepino na dinastia carolíngia e expandiu ainda mais o território sob o seu domínio e conseqüentemente o cristianismo também foi anunciado nestas regiões. Este crescimento territorial logrou-lhe o Título de imperador do Sacro Império Romano, com o qual foi coroado pelo Papa Leão III (795-816) no ano de 800, igualando o Imperador ao papa na direção da Igreja (cf. AQUINO, 2018a, p. 103-106). Segundo Matos (cf. 1997, p. 195-196), Carlos Magno possuiu o ideal de um reinado teocrático conforme descreveu Santo Agostinho em sua obra “Cidade de Deus”.

A Renascença Carolíngia de Carlos Magno promoveu o florescimento cultural do qual os méritos devem também ser dados a Igreja. Segundo Matos (cf. 1997, p. 201) “o Imperador aprendeu [da Igreja] o verdadeiro amor pela civilização, que o distingue de seus predecessores e o aproxima dos antigos imperadores romanos”. Além disso, Carlos Magno fundou a escola palatina que educava os futuros funcionários por meio dos monastérios. Exigia aos súditos o mínimo de instrução e conduta correta através do cuidado dos doentes e pobres (cf. PIERRARD, 2002, p. 71).

Após a morte de Carlos Magno, a Renascença imperial ruiu devido a tripartição do Sacro Império a seus herdeiros que culminou numa guerra fratricida para disputa da coroa imperial. O enfraquecimento dos reis obrigou a cessão de poderes e terras à nobreza que apoiara a guerra, inclusive as propriedades da Igreja foram cedidas para os pequenos senhores e transformadas em pequenas Igrejas territoriais (cf. MATOS, 1997, p. 202-204). A ausência de proteção real na cidade forçou a migração do povo para estas terras da nobreza no meio rural. Deu-se início ao sistema feudal, em que os reis possuíam apenas superioridade formal sobre as terras da nobreza (cf. PIERRARD, 2002, p. 77).

A interferência dos senhores feudais na Igreja em seu território provocou a paganização e a infidelidade entre o clero, bem como a instituição de leigos nas funções clericais da Igreja, secularizando e corrompendo a moralidade destas Igrejas locais. A partir de 962, estas mesmas atitudes se repetiram no império de Otão da Saxônia (936-973), principalmente por que o Papa João XII (955-963) lhe concedeu o poder espiritual conforme a Carlos Magno. Estes acontecimentos receberam o nome de “questão das investiduras” que permaneceram até o século XII em que houve a disputa entre os “dois gládios”, o poder espiritual e o poder temporal. (cf. PIERRARD, 2002, p. 78-80).

Entretanto, neste período também surgiram conversões de pessoas conhecidas na sociedade por sua expressiva vida de imoralidades. Tais conversões eram creditadas a

encontros marcantes com bispos e pregadores ardorosos pela fidelidade e firmeza da fé. Estes homens conservaram valores morais, intelectuais e sociais da Igreja (cf. MATOS, 1997, p. 208-209). Guilherme, o Pio, um senhor feudal riquíssimo, doou seus bens juntamente com servos para os beneditinos com a qual formou uma abadia em Cluny com obediência apenas a Roma.

A partir deste mosteiro, aconteceu a reforma e o resgate cultural nos mosteiros antigos, inclusive na Igreja secular. A população, imbuída da conversão e transformação causada pela ordem cluniense nos mosteiros, pressionava e incentivava os clérigos seculares e os senhores feudais para uma mudança nas paróquias (cf. PIERRARD, 2002, p. 81). Esta atitude dos cristãos retrata parte da letra na canção composta por “Pe Zezinho” que diz “Lá se alguém passa/ Em frente da matriz/ Se benze e pensa em Deus/ E não sente vergonha de ter fé”¹⁴.

Cluny foi responsável por uma reforma monástica e cristã, na qual foi considerada o “centro real da Igreja” e “capital espiritual da Europa”. Obteve o aumento de monges-padres para a celebração da missa e o retorno da oração do ofício divino, ao invés do comum trabalho manual existentes no meio clerical (cf. PIERRARD, 2002, p. 81-82).

A grande repercussão do movimento reformista da ordem cluniense culminou na restauração da fé na Europa Ocidental com a qual seus membros foram nomeados para auxiliarem os Pontífices ou eleitos papas. Inclusive Gregório VII, um dos papas clunienses, decretou em 1075 a proibição da investidura leiga (cf. MATOS, 1997, p. 226-227; PIERRARD, 2002, p. 82-84).

Esse trabalho reformista proporcionou o fim da interferência Imperial na Igreja com um acordo denominado Concordata de Vôrmia (MATOS, 1997, p. 232) ou Concordata de Worms (PIERINI, 2014, p. 96) em que o imperador continuaria senhor dos bispos, entretanto não teria poder para instituí-los ou destituí-los, somente a Igreja. Dessa maneira, a Igreja continuaria evangelizando a sociedade oferecendo maior conteúdo e embasamento espirituais (cf. HOLMES; BICKERS, 2006, p. 88; PIERRARD, 2002, p. 94).

Este novo florescimento da fé na Igreja europeia através da reforma promovida pela ordem cluniense, concedeu novamente ao papa a autoridade de influenciar nas decisões dos príncipes e reis, inclusive na vida moral deles. Este fortalecimento papal permitiu que a Igreja do Ocidente vivenciasse confrontos contra dois imperialismos: o bizantino e o islâmico (cf. PIERRARD, 2002, p. 93-97). Com relação ao imperialismo bizantino, os conflitos aconteceram de modo mais intenso entre os anos 1053 e 1054. “O resultado dessas

¹⁴ Ibidem.

controvérsias foi a separação entre a Igreja sediada em Roma [Católica] e a Igreja de Constantinopla [Ortodoxa]” (BRAICK; MOTA, 2007, p. 141). Essa divisão ficou conhecida como “Cisma Oriental” (MATOS, 1997, p. 178).

Segundo Aquino (cf. 2018a, p. 179), o “Cisma [Oriental] foi na verdade, preparado por tensões de ordem política, linguística e cultural desde que o imperador Constantino mudou a sede do império de Roma para Constantinopla”. Esta mudança ocorrida em 330, fez com que Constantinopla assumisse os direitos e prerrogativas iguais ou superiores aos da antiga sede (Roma).

Outro ponto de tensão entre a Igreja de Roma e a Igreja de Constantinopla foi a controvérsia iconoclasta (726-730). Ela foi o conflito entre os “adeptos das imagens e seus adversários, os iconoclastas (destruidores de imagens)” (MATOS, 1997, p. 172). Leão III (717-741) que libertou o Império Bizantino do islamismo, aderiu a influência muçulmana de proibir as imagens e sua veneração. Para isso, ele demitiu o patriarca Germano por não seguir suas ordens e elegeu o patriarca Anastácio (cf. AQUINO, 2018a, p.117-119; MATOS, 1997, p. 170-174; PIERINI, 2014, p. 98). Esta discussão contradizia as artes do cristianismo primitivo que representavam os santos. Além disso, os ícones possuíam papel preponderante na piedade popular dos gregos, inclusive os monges incentivavam a utilização das imagens para reavivar a fé. A controvérsia foi resolvida com os protestos dos monges e do povo fervoroso, devotos dos ícones, que obrigaram o Imperador a reverter sua decisão (cf. MATOS, 1997, p. 170-172).

Fazendo um paralelo entre a iconografia utilizada pelos monges na evangelização do povo grego e a arte poética do Padre Zezinho, percebe-se que também as músicas deste compositor foram criadas para evangelizar um povo que as escuta. Deste modo, a intenção dos monges de enraizar no povo a religiosidade e a cultura da Igreja por meio das imagens também é percebida na música “De lá do interior”¹⁵ quando diz “Aonde a religião/ Ainda é importante./ Lá se alguém passa/ Em frente da matriz/ Se benze e pensa em Deus/ E não sente vergonha de ter fé”¹⁶. O Padre Zezinho por meio da música retratava a fé de um povo que vivia intensamente a piedade popular no ambiente rural como na época dos monges.

A questão a respeito de Fócio (858-867) também foi um fator que influenciou no Cisma Oriental. O Imperador Miguel III (842-867) forçou o Patriarca Inácio I (847-858) a renunciar o patriarcado por causa das críticas que Inácio tecia contra ele. No lugar do Patriarca, o Imperador colocou Fócio. Essa atitude de Miguel III foi desaprovada pelo Papa

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Ibidem.

Nicolau I (858-867) e se agravou quando o pontífice enviou missionários latinos à Bulgária que pertencia ao território da Igreja Oriental. Fócio condenou esta atitude latina juntamente com a acusação sobre o acréscimo do termo *filioque* no credo niceno-constantinopolitano ¹⁷. Esta situação se resolveu com a deposição de Fócio por uma revolta palaciana e o Patriarca Inácio foi recolocado no lugar. Tanto o Patriarca Inácio, como os patriarcas posteriores restauraram e confirmaram a unidade com Roma perante o distanciamento entre Ocidente e Oriente causado pelo Imperador Miguel III e Fócio (cf. AQUINO, 2018a, p. 134-135; MATOS, 1997, p. 175; PIERINI, 2014 p. 98.100).

Além dessas situações que promoveram o distanciamento entre a Igreja do Ocidente e a Igreja do Oriente, Pierini elenca as seguintes:

Segundo os bizantinos, eis as "culpas" dos latinos: usar o pão ázimo na celebração da eucaristia, jejuar em alguns sábados do ano, comer carne de animais sufocados enquanto o sangue ainda estava dentro do corpo, não cantar o Aleluia durante a quaresma, mandar cortar a barba e os cabelos dos ministros sagrados, ter acrescentado o *Filioque* ao Credo, impor o celibato ao clero. [...] As acusações dos latinos à Igreja bizantina[,] antes de tudo, como censura ao passado, eram elencadas mais de noventa heresias (na primeira carta de Leão IX são citadas algumas); e mais: permitir que os eunucos se tornassem ministros sagrados, inclusive bispos e patriarcas; o fato de o arcebispo de Constantinopla-Bizâncio fazer-se chamar de patriarca "ecumênico"; usar qualquer pão na celebração eucarística; fragmentar o pão eucarístico no vinho consagrado e distribuí-lo numa colherzinha; jogar fora os restos da eucaristia; rebatizar, às vezes, os fiéis latinos já batizados em sua Igreja; permitir o matrimônio a diáconos e padres; negar o batismo ou a eucaristia às mulheres grávidas; batizar as crianças só oito dias após o nascimento; sustentar que a eucaristia quebrava o jejum; não querer admitir o *Filioque* no Credo etc. (PIERINI, 2014 p. 100).

A crise foi ainda mais agravada em 1053, quando o Patriarca bizantino ordenou o fechamento das igrejas latinas com a qual, no ano seguinte, resultaria em excomunhão mútua entre a Igreja latina e bizantina com as respectivas justificações citadas acima, confirmando assim o cisma entre as duas Igrejas (cf. PIERINI, 2014 p. 99).

Após passar meio século do Cisma Oriental, o cristianismo iniciaria um novo período de conflito, desta vez contra o Imperialismo islâmico. Estas guerras contra o islamismo receberam o nome de Cruzadas.¹⁸

¹⁷ Filioque é uma frase grega que significa “que procede do Pai e do Filho”. Esta fórmula foi acrescida ao símbolo da fé na Igreja da Espanha desde o século IV. A Igreja do Oriente reprovou este acréscimo e defendia o símbolo Niceno-constantinopolitano que professava “Creio no Espírito Santo, que procede do Pai” (cf. AQUINO, 2018a, p.134-135).

¹⁸ Segundo Braick e Mota (cf. 2007, p. 142) as “cruzadas consistiram em expedições guerreiras estimuladas pelo papado com o objetivo de reconquistar a Terra Santa, isto é, os locais da Palestina que nos quais Jesus viveu e que havia séculos estavam sob o domínio muçulmano”. “Chamamos de Cruzadas a uma série de expedições cristãs empreendidas contra muçulmanos no Oriente Médio” (KOSHIBA, 2000, p. 219). As “‘Cruzadas’ foram a resposta do cristianismo à ‘guerra muçulmana’” (PIERINI, 2014, p. 101).

O Império Bizantino, desde o início do século X, sofreu o enfraquecimento em suas estruturas de poder. Tal vulnerabilidade aconteceu por uma forte disputa interna de poder entre os burocratas (civis) e generais provinciais (militares), os sucessos das armas bizantinas deram poder aos militares que pretenderam neutralizar a hegemonia dos burocratas no Império Bizantino. Além dos conflitos internos, o Império sofria com muitos enfrentamentos contra outros povos para proteger suas fronteiras. Entre os conflitos, cita-se os seguintes: contra os turcos seldjúcidas na Ásia Menor; contra os normandos da Sicília em Tessalônica; e contra os muçulmanos na Palestina e Ásia Menor (cf. CHIMENTÃO, 2015, p. 119-122).

É a partir do conflito contra os povos islâmicos que surgiram as Cruzadas. Os conflitos entre o Império Bizantino e os islâmicos foram motivados pela guerra santa muçulmana (*gihad*). Desde o século VII, os muçulmanos avançaram pelo mundo conquistando os povos. Essa guerra tinha o objetivo de lutar contra os que perseguiram o profeta Maomé (cristão e judeus) e tornar os povos conquistados em muçulmanos (cf. PIERINI, 2014, p. 87-88.101-105).

Entre os anos 1071 e 1078, os muçulmanos conquistaram a cidade Jerusalém e a Ásia Menor, territórios da Igreja Oriental, regiões importantes para o cristianismo. Após a tomada destas regiões, iniciaram a destruição dos lugares santos para os cristãos. Por essa razão, o Imperador Bizantino Aleixo I (1081-1118) enviou alguns ministros para solicitar ajudar militar ao Papa Urbano II (1088-1099) para reconquistar estes lugares santos. Em 1095, no Concílio de Clermont, o papa Urbano II convocou as Cruzadas para reaver os lugares santos tomados pelos muçulmanos. No período das Cruzadas, a Igreja do Ocidente vivia o auge do seu fortalecimento na fé; foi o período de maior riqueza e fecundidade conhecidas na história da Europa (cf. AQUINO, 2018a, p. 180.183.220; CHIMENTÃO, 2015, p. 122-123; PIERRARD, 2002, p. 93.97).

Segundo Aquino, este florescimento da fé está relacionado aos homens desta época que

amavam e propagavam a sua fé. As virtudes é que os faziam respeitados dos seus súditos. [...] Outra marca registrada da fé era a devoção aos Santos: eram vistos como o contato entre Deus e o homem. [...] Outra marca registrada dessa fé é também a peregrinação. [...] São milhares de piedosos viajantes, [...] que se põe a caminho à Terra Santa [...] Muitos iam também a Roma para visitar a Basílica de São Pedro, a de Santa Cruz de Jerusalém, a de São Paulo, a de São Sebastião e a de São Tiago de Compostela [...] A Igreja continuou a ação missionária. [...] Também a Igreja do Ocidente fez novas conquistas para Cristo. Os séculos X e XI ficaram marcados pela formação de 'Estados cristãos nacionais'; [...] os batizados [...] são fiéis da Igreja e do Evangelho. Isto facilitou a expansão do Evangelho (AQUINO, 2018a, p. 180).

Estes acontecimentos na Igreja Ocidental, entre os séculos XI ao XIV, passaram a ser chamados na História da Igreja de “Cristandade” (AQUINO, 2018a, p. 180).

Este excelente momento do cristianismo no Ocidente proporcionou que a Igreja do Ocidente com seu exército fosse o auxílio para a Igreja do Oriente nas Cruzadas contra os muçulmanos. Por mais de dois séculos (séc. XI a séc. XIII), as cruzadas defenderam a Europa dos ataques islâmicos, tanto no auxílio à Igreja Oriental em reconquistar a cidade de Jerusalém, bem como ao conter o avanço islâmico na Península Ibérica (cf. KOSHIBA, 2000, p. 218-220; MATOS, 1997, p. 264-269).

Segundo Braick e Mota, de 1095 a 1270 houve oito cruzadas com a qual exerceram fundamental influência na evolução da civilização europeia. Essas viagens do exército dos cruzados proporcionaram o enriquecimento dos comerciantes e mercadores e novas oportunidades de comércio (cf. BRAICK; MOTA, 2007, p. 143-144). Além disso, o apoio dado à Coroa por estes grupos que ascenderam na vida econômica fortaleceu o poder real. Neste contexto, as Cruzadas, também contribuíram para o desenvolvimento das cidades nascidas em torno dos mosteiros por meio do comércio, do artesanato, do conhecimento escolástico, inclusive na construção de catedrais nestas regiões (cf. MATOS, 1997, p. 258-259.264-269).

Entretanto, os três objetivos das Cruzadas não foram alcançados plenamente que são: a reconquista de Jerusalém, ajuda aos bizantinos e a união entre a Igreja do Ocidente e a Igreja do Oriente. Entre eles, o de maior importância para o Papa Urbano II era a reunificação entre as Igrejas (do Ocidente e do Oriente) divididas desde 1054. Ao invés de retomar a unidade, a divisão foi fortalecida pelo descumprimento da Igreja do Ocidente em devolver os territórios orientais após serem reconquistados nas campanhas dos cruzados (cf. BRAICK; MOTA, 2007, p. 142-143; PIERINI, 2014, p. 100; PIERRARD, 2002, p. 106-109).

Por mais que os principais motivos das Cruzadas não foram efetivados, grande foi o legado deixado por elas no desenvolvimento da Europa no período da Cristandade (1050-1350). No entanto, houve também vários desafios para a Igreja nesse período. Em páginas anteriores já falamos sobre o problema que as doenças causaram em toda a Europa no período da primeira Idade Média (séc VI ao séc. VIII) e também na Baixa Idade Média (séc. XIII e XIV).¹⁹ As Cruzadas fazem parte deste último período da Idade Média e se, por um lado, a Igreja se beneficiou com o crescimento impulsionado pelas Cruzadas, por outro lado, também precisou enfrentar os problemas advindos das doenças, da fome, das guerras e invasões, que

¹⁹ A explicação sobre as doenças no período da Primeira Idade Média e da Baixa Idade Média estão explicitadas nas páginas 2.5-6.

causaram um decréscimo demográfico em toda a Europa, além de uma forte crise econômico-financeira, social, política e espiritual, o que levou a se falar justamente de “Outono da Idade Média” (cf. BRAICK; MOTA, 2007, p. 145; KOSHIBA, 2000. p. 179-180; PIERINI, 2014, p. 149; PIERRARD, 2002, p. 158).

Para conter o decréscimo demográfico, a Igreja Ocidental desenvolveu outros meios de assistência ao povo: a caridade fraterna e o serviço aos pobres e peregrinos, manifestados pelos abrigos e pelo serviço de enfermagem. Neste período, surgiram novas técnicas hospitalares e construção de novos hospitais, além de novas técnicas no cultivo da terra que contribuíram para o desenvolvimento humano. A Igreja Católica, que desde os monges e os eremitas (séc. IV), construiu os primeiros hospitais, pôde novamente fazer a diferença na sociedade através da construção de novos hospitais e do aperfeiçoamento da medicina (cf. MATOS, 1997, p. 112; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1965, p. 7.29-32.36-37).

Na obra História e Evolução dos hospitais é relatado que as

Cruzadas muito contribuíram para a ascendência religiosa nas casas de assistência médica e para o desenvolvimento de hospitais, principalmente a partir de 1096. O deslocamento de grandes massas humanas exigia a instalação de abrigos para repouso e tratamento. Criaram-se as ordens dos Cavaleiros Teutônicos Templários, de São João, de Santo Antônio, do Espírito Santo.

Os Cruzados da Ordem de São João erigiram na Terra Santa um grande hospital de 2.000 leitos, em 1099. O hospital São João da Inglaterra vem de 1084. A ordem do Espírito Santo, fundada em 1145 por Guy Montpellier, que abriu um hospital com esse nome aprovado pelo papa em 1198, exerceu grande atividade em toda a Europa, onde se diz chegou a estabelecer 900 hospitais em dois séculos.

Foi uma consequência do reconhecimento da ordem pelo papa Inocêncio III, em 1198. Além desse ato[,] Inocêncio concitou os habitantes das mais importantes cidades a subscreverem as somas que pudessem para fundação dos hospitais do Espírito Santo. Dando o exemplo, ele mesmo criou uma destas instituições, em Sassia, como já foi dito, no ano 1204. Terminada, sua construção atraiu a atenção de nacionais e estrangeiros. Somente em Roma construíram-se nove hospitais análogos. Conta-se que Roma possuiu quatro hospitais no XI século, seis no XII e 10 no XIII. [...]

As congregações religiosas formaram um grande contingente em favor da associação da assistência religiosa, com a assistência médica, convindo lembrar a que se organizou sob a égide de São Vicente de Paulo. Os beneditinos, na sua faina admirável de curar os enfermos, criaram enfermarias e hospitais na Itália, na França, na Alemanha, na Inglaterra, conseguindo instalar um elevado número de casas de assistência médica (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1965, p. 30-32).

Ainda com relação à medicina nas Cruzadas, é importante ressaltar o nome de Roger Bacon (1220-1292), o *doctor mirabilis*. Este Frade e padre Inglês ficou conhecido pelo amplo conhecimento científico, pioneiro no empirismo por desenvolver os estudos nas áreas da medicina, da filologia, da matemática, da astronomia, da física, da geografia e da química (cf. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 1965, p. 37).

Outro contributo para solucionar o problema do decréscimo demográfico foi o aperfeiçoamento agrícola, ocorrido no período feudal do séc. XII a XIV, em que se criou técnicas e instrumentos tecnológicos para melhorar a produção no campo. A primeira técnica foi o avanço com relação a siderurgia que cooperou nas transformações técnicas agrícolas, principalmente na troca dos instrumentos agrícolas de madeira para os instrumentos de ferro. Um exemplo disso, foi a substituição dos martelos manuais dos ferreiros por martelos hidráulicos e eólicos, bem como o uso de ferramentas de ferro e de aço como os arados, as enxadas, as foices e outras ferramentas. O uso desta nova tecnologia contribuiu para o aumento do uso das terras agrícolas, inclusive por influência da Igreja do Ocidente (cf. BAIARDI, 1997, p. 449-451; HOLMES; BICKERS, 2006, p. 94; NATIONAL GEOGRAPHIC, 2017, n. p). Dobb diz que “Por volta do século XII a Igreja Católica, através das abadias, iniciava a promoção da organização da produção em grandes parcelas, com o pagamento dos trabalhadores em espécie e em moeda. A Ordem Cisterciense foi pioneira na introdução deste sistema” (DOBB *apud* BAIARDI, 1997, p. 458). Estes monges contribuíram para o desenvolvimento da vida agrícola e a criação de gado na Europa Ocidental (cf. HOLMES; BICKERS, 2006, p. 94).

Além dos desafios humanitários que a Igreja precisou enfrentar, ela também se deparou, a partir do século XIV, com uma mudança de mentalidade da sociedade, de uma perspectiva universal para uma nacionalista. Alguns autores como Matos (1997, p. 285) e Pierrard (2002, p. 139) apresentam este século como totalmente diferente aos tempos medievais, com a qual atribuem o início da modernidade. Até o século XIII, as decisões do homem se embasavam nas orientações concedidas pela Igreja. Em contrapartida, os homens deste novo século emanciparam suas decisões confiando apenas em seu próprio juízo. Dessa forma, reconheceram outras autoridades além da Igreja e investigaram a quais fontes de poder deveriam se orientar, inclusive com relação à religião (cf. MATOS, 1997, p. 285-286; PIERRARD, 2002, p. 139-142.158).

O Rei da França Felipe IV, o Belo (1268-1314), imbuído deste raciocínio, rompe com a mentalidade da união entre Igreja e Estado sob a autoridade do papa e do monarca. Ele atribuiu a si o poder das decisões políticas do seu reinado, pois afirmava que provinha diretamente de Deus sem intermediários. Apesar das intervenções do Papa Bonifácio VIII (1294-1303), Felipe IV, no ano de 1303, fez o pontífice seu prisioneiro em Agnani, demonstrando a crise do poder político da Igreja (cf. HOLMES; BICKERS, 2006, p. 119-122; MATOS, 1997, p. 286-288; PIERRARD, 2002, p. 143-144).

Clemente V (1305-1314), segundo sucessor após Bonifácio VIII, por interesse de Felipe IV, suspende a Ordem dos Templários e influenciado pela situação política da Itália abandona a sede Romana se instala em Avinhão. Estas e outras ações do Papa a favor do nacionalismo francês, geraram uma crise eclesial no seio da Igreja e diminuíram ainda mais seu poder político. Nem mesmo o retorno do Papa Gregório XI (1371-1378) para Roma foi capaz de conter o Cisma Ocidental no interior da Igreja (cf. HOLMES; BICKERS, 2006, p. 122-125.127; MATOS, 1997, p. 288-292; PIERRARD, 2002, p. 144-145.147).

Na eleição de Urbano VI (1378-1389), sucessor de Gregório XI, a divisão entre os cardeais italianos e franceses era tamanha que somente foi consolidada sua escolha após o povo ameaça-los de morte se não elegessem um papa italiano. As decisões tomadas pelo Papa se demonstraram antifrancesas, nas quais quatro meses após sua eleição motivaram os cardeais franceses a eleger o antipapa Clemente VII (1378-1394), dividindo e confundindo os membros da Igreja Ocidental (cf. HOLMES; BICKERS, 2006, p. 128-129; MATOS, 1997, p. 283-294; PIERRARD, 2002, p. 148-149).

A crise de autoridade na Igreja cresceu ainda mais quando um grupo de cardeais de Roma e de Avinhão, na expectativa em resolver o impasse da existência de dois papas, se reuniram em concílio em Pisa, os destituíram e elegeram um terceiro papa para substituí-los. Esta situação só foi resolvida em 1414 quando o Imperador Sigismundo (1368-1437) convocou um Concílio Universal de Constança para unificação da Igreja. O antipapa João XXII (1410-1414) sob pressão renunciou o papado, o Papa romano Gregório (1406-1415) voluntariamente abdicou do papado; ficou somente Bento de Avinhão (1394-1423) que não abriu mão do cargo; entretanto a perda de apoio dos fiéis e dos cardeais o fez renunciar. O “Cisma Ocidental” (MATOS, 1997, p. 294) foi encerrado com a eleição do Papa Martinho V (1417-1431) (cf. HOLMES; BICKERS, 2006, p. 130-133; MATOS, 1997, p. 296-298; PIERRARD, 2002, p. 149-152).

Se por um lado, a Igreja Ocidental apaziguava seus conflitos com a eleição do novo Papa, por outro, as invasões turcas do século XV assolavam a Europa, obrigando o Imperador bizantino a pedir uma efêmera reunificação entre ocidente e oriente, com a aceitação do primado papal do ocidente. Entretanto, devido à resistência da maioria dos cristãos orientais em submeter-se à autoridade de Roma a unificação possuiu um caráter apenas formal. Os cristãos orientais preferiram optar pela derrota e submissão aos turcos em 1453 que permitiram a permanência da Igreja (cf. HOLMES; BICKERS, 2006, p. 136-138; MATOS, 1997, p. 301-303; PIERRARD, 2002, p. 153-155).

Ao final da Idade Média, a crise de autoridade no interior da Igreja Ocidental advinda da ruptura entre o braço secular (Estado) e a Igreja, lançou os fundamentos para os “Estados Nacionais” que nasceriam independentes da Igreja na Idade Moderna como monarquias absolutistas. Além disso, a tomada de Constantinopla (1453) marcou o fim do Império Bizantino, e por consequência, a Rússia assumiu a herança da ortodoxia, passando a ser a referência para a Igreja do Oriente, o que a fez receber o título de “Terceira Roma” (cf. FRÖHLICH, 1987, p. 111; HOLMES; BICKERS, 2006, p. 139-140; MATOS, 1997, p. 340).

Após conhecer e analisar os fatos e ações da Igreja na Idade Média, percebe-se sua intrínseca influência na política através da fecunda união com o Estado. Além disso, nos momentos em que a Europa sofreu invasões tanto bárbaras quanto muçulmanas, a cultura não foi perdida porque a Igreja guardou este depósito cultural. É visível sua representatividade na sociedade ora na região campesina ora na cidade com a qual ambas eram constituídas de uma visão de mundo sob uma mentalidade ruralizada. Desse modo, também sob a ótica deste estilo de viver, serão analisados os meios de comunicação deste período, mesmo que não possuam esta nomenclatura, mas exerciam a mesma função.

1.3 A comunicação propagada pela Igreja na Idade Média

A influência da Igreja no mundo ruralizado da Idade Média foi possível por meio da utilização dos recursos comunicativos da época. A manifestação da comunicação acontecia através do testemunho cristão, da escrita, da oralidade e das artes. Somente no fim da Idade Média que o primeiro meio de comunicação social foi inventado.

No início da Idade Média, os meios de comunicar a fé cristã acontecia através da veneração de relíquias dos mártires e imagens na forma de pinturas ou ícones. Além desses modos de piedade, havia as peregrinações aos santuários dos mártires e lugares santos da Palestina (cf. MATOS, 1997, p. 109). No século XIII, a Ordem franciscana foi a grande propagadora da piedade popular na Igreja atraindo os cristãos que apresentavam dificuldades de relacionamentos com a Igreja institucional. Este tipo de religiosidade era promovido através de símbolos visuais como presépio e devoções das estações da cruz (cf. HOLMES; BICKERS, 2006, p. 111).

Pierrard (cf. 2002, p. 158) afirma que a partir do século XIV, a reflexão intelectual fez o homem voltar-se para si mesmo e pensar ser senhor e o centro de todas as coisas. Unido a este pensamento surgiram as doenças que dizimaram boa parte da população, com a qual

tornou a devoção popular mais humana e fervorosa, principalmente por apresentar a paixão do Cristo e colocá-lo no centro da devoção. Entre estes atos de piedade estão a Ave Maria, o caminho da cruz, a festa do Precioso Sangue e o culto mais vivo da Eucaristia.

Os monges promoveram uma revolução espiritual nos diversos tempos em que a Igreja necessitou. Juntamente com os bispos e as santas mulheres, os monges converteram e transformaram a Europa pelo testemunho da fé manifestado nos ensinamentos e na conduta de vida (cf. MATOS, 1997, p. 142; PIERRARD, 2002, p. 50). Entre os monges destaca-se alguns pela transformação realizada no período em que viveu: São Bento, Gregório Magno, Patrício, Teodoro de Cantuária, Agostinho de Cantuária, Beda.

São Bento de Núrsia (480-547) foi um eremita que se uniu a outros monges para fundar a Ordem Beneditina por meio da vida monástica em comunidade. Ele restabeleceu o equilíbrio na vida monástica com a regra de vida criada para seus monges. Combateu o cenobitismo e eremitismo exacerbado em rivalidade com o clero secular, pelo fato dos primeiros viver penitências e mortificações e o segundo não. O objetivo de São Bento era de que Deus fosse melhor servido e amado pelo testemunho monástico (cf. MATOS, 1997, p. 145-146; PIERRARD, 2002, p. 58). Segundo Holmes e Bickers (cf. 2006, p. 68), até surgimento dos “monges brancos” no século XI, não houve outra regra séria como a beneditina.²⁰

Gregório I ou Gregório Magno, monge eleito papa, evangelizou prestando a assistência e educação aos cristãos romanos. Além disso, organizou e sistematizou a música sacra na Igreja, com a qual lhe concederam o título de Magno e receberam o seu nome, o canto gregoriano. (cf. MATOS, 1997, p. 124.151; PIERRARD, 2002, p. 55).

Os missionários celtas com zelo e sabedoria, principalmente Patrício, transformaram a Irlanda pagã em cristã. Enquanto o bispo Teodoro de Cantuária (602-690) cristianizou a Inglaterra, Agostinho de Cantuária anunciou a fé cristã aos reinos anglo-saxões, inclusive a Grã-Bretanha. O ardor cristão era visível pela quantidade de mosteiros-bispado e pelo ascetismo acompanhado da cultura cristã espalhados naquelas regiões. Tanto os reis quanto os bispos acreditavam na capacidade dos monges em manter cristã as terras que habitavam para exercer a evangelização dos povos (cf. HOLMES; BICKERS, 2006, p. 64-66; MATOS, 1997, p. 148.151; PIERRARD, 2002, p. 56-57.59).

²⁰ Segundo Holmes e Bickers (cf. 2006, p. 93-94.255), os monges brancos correspondem a ordem monástica de Cister, fundada em 1075 por Roberto de Molesme (1028-1112) com o objetivo de “viver e impor a estrita observância da regra” beneditina. Os monges cistercienses contribuíram para a Igreja através da intelectualidade como diretores espirituais, escritores espirituais e papas. Na ordem prática, contribuíram para o desenvolvimento da agricultura e da pecuária, principalmente no século XII.

Beda, o venerável (673-735), ensinou a teologia explicando os textos das sagradas escrituras. Além disso, estudou a métrica, a cronologia, sobretudo a história. Egberto, discípulo de Beda, fundou a escola de York (750) (cf. PIERRARD, 2002, p. 59).

A cidade de Bizâncio foi a pátria dos poetas como Romanos Melodioso ou João Dasmasceno; de brilhantes doutores como Cirilo, Efrém, sobretudo João Crisóstomo. O monasticismo é representado pelos mártires anacoretas e os cenobitas desbravadores (cf. PIERRARD, 2002, p. 63).

No império carolíngio os mosteiros cobriram a terra cristã, com a qual se transmitia a cultura. Nos mosteiros de Lindisfarne, Córbia, Saint-Gall, Fulda e Bóbio a intelectualidade era valorizada através da cópia dos manuscritos da bíblia ou dos escritos antigos. Os monges fizeram o acréscimo de ilustrações e os propagava com nome de carolina. Este incentivo intelectual de Carlos Magno (768-814) aos mosteiros não produziu novo conhecimento, mas mantivera vias de comunicação com a antiguidade clássica (cf. MATOS, 1997, p. 201; PIERRARD, 2002, p. 71-72).

Desde o século IV, a Igreja comunicou a fé através das basílicas que foram construídas para a realização do culto na comunidade cristã (cf. MATOS, 1997, p. 81). No século XI, a ordem Cluny, além de restaurar mosteiros romanos e reanimar a cultura em regiões da Europa, comunicou a fé através de uma renovação da arquitetura cristã. Para isso, construiu templos como a suntuosa Igreja na abadia de Cluny e popularizou a arte romana no Ocidente colocando capitéis esculpidos, a voga dos portais contendo imagens e com os afrescos. (cf. MATOS, 1997, p. 219; PIERRARD, 2002, p. 81-82).

Ao falar de arte, Pierrard diz que viajar a velhas províncias da França levará

inevitavelmente a alguma abadia ou catedral cujo tranquilo esplendor atesta ter existido um tempo em que os homens encontraram em sua fé o equilíbrio necessário à produção de obras-primas. Porque nunca mais, na história do mundo cristão ocidental, brotarão ao mesmo tempo tantas e tão perfeitas flores de pedra; nunca mais se encontrará a soma de uma técnica perfeita, uma vida religiosa ativa, uma poesia interior e tanto equilíbrio psicológico.

A arquitetura determina todas as outras formas de arte: é com a ajuda do mais nobre material, a pedra, que a arte da Idade Média se exprime. Foi através do muro, construído sobre um solo do qual o homem por fim tornou-se senhor, segundo uma vigorosa lógica, que o homem iniciou seu diálogo com Deus. Enriquecida pelas experiências dos séculos anteriores, a arquitetura romana – a que se desenvolve na cristandade, no século XII – se beneficia de uma estonteante série de conquistas [...], a arte romana foi antes de mais nada uma arte monástica, reflexo de uma contemplação. [...] O feudalismo permitiu a multiplicidade de povoados, paróquias, igrejas paroquiais. A Igreja, a catedral, soma das artes da época, torna-se casa do povo, um povo que já não precisava trilhar um longo caminho para encontrar Deus (PIERRARD, 2002, p. 97-98).

No século XIII, são os vitrais góticos que complementam a iconografia de pedras nos portais da Igreja (cf. KOSHIBA, 2000, p. 192-193; MATOS, 1997, p. 224; PIERRARD, 2002, p. 123).

Segundo Matos (cf. 1997, p. 273-275), as catedrais demonstram o amago da mentalidade cristã medieval, pois são “um fenômeno único na História da arte”. Os profissionais da arte se voltavam quase que totalmente em construir a Casa de Deus e da comunidade dos fiéis. A Igreja Católica era a única fonte organizadora e inspiradora para os arquitetos, escultores, pintores e outros profissionais no campo artístico. As catedrais são a expressão da união de estilo europeia, sobretudo manifesta a unidade da cristandade. Além disso, elas constituíam um território nacional para os viajantes, uma maneira para se sentir “em casa”.

Ao final do século XII e início século XIII, o homem experimentava a necessidade de confrontar sua fé com o mundo criado por Deus. Por este motivo, o estudo deixou de ser silencioso nas bibliotecas ou fechado nos círculos monásticos e episcopais. Este novo formato de estudar era ao ar livre e desenvolvido pela discussão entre mestres e alunos. Deste modo, “nasceu uma nova palavra, correspondendo a uma nova realidade: a ‘Associação’ ou a ‘Universidade’ dos ‘mestres e alunos’ (*Universitas magistrorum et scholarium*) que é resultado da ação da Igreja e cujo arquétipo foi Paris” (PIERRARD, 2002, p. 128). Além disso, o leigo teve a oportunidade de ser mestre e conduzir as universidades através da permissão dada pelo Rei Filipe Augusto (1165-1223). É a partir das universidades que as emergentes ordens franciscana e dominicana tiveram melhores condições para o seu florescimento (cf. HOLMES; BICKERS, 2006, p. 111-112; PIERRARD, 2002, p. 128-129).

Segundo Holmes e Bickers (cf. 2006, p. 111) as primeiras universidades foram Bolonha, Paris e Oxford. Elas tiveram dificuldade no desenvolvimento inicial por causa de confrontos entre as autoridades eclesiásticas e laicas, principalmente para obter o controle destas novas instituições. O advento das universidades contribuiu para a tradução das obras de Aristóteles para o latim. Matos (cf. 1997, p. 271-272) acrescenta que as universidades são oriundas das escolas capitulares, situadas junto às catedrais nas cidades. Além da Teologia e do Direito, principais ciências, foram desenvolvidas as disciplinas de literatura, de ciência natural, de matemática, de medicina e de música.

É importante ressaltar que as duas ordens mendicantes nascidas neste século, usufruíram e contribuíram para o desenvolvimento das universidades, principalmente pela rivalidade intelectual entre elas. A Ordem dos Dominicanos foi fundada por São Domingos de Gusmão (1170-1221), conhecida como a Ordem dos Pregadores, por essência estava voltada

para o estudo. A finalidade do seu carisma era o ensino da verdadeira religião e a refutação das heresias da época. Além disso, reconhecia a necessidade de pregar o evangelho com linguagem acessível e de modo que o povo aceitasse (cf. HOLMES; BICKERS, 2006, p. 108-109; MATOS, 1997, p. 261-262).

A Ordem dos Franciscanos foi fundada por São Francisco (1181-1226), possuía o carisma de servir os doentes, inicialmente os leprosos, e na reconstrução de igrejas. A partir de uma necessidade formativa para o apostolado dos frades, os franciscanos ingressaram nos estudos nas universidades com a qual evangelizaram a cidade de Pequim na China. Os grandes expoentes da teologia e filosofia nas universidades foram o franciscano São Boaventura (1221-1274) e o dominicano São Tomás de Aquino (1225-1274), com a qual influencia na atualidade a doutrina católica (cf. HOLMES; BICKERS, 2006, p. 109-111; MATOS, 1997, p. 262-263.270-271).

Por fim, na metade no século XV, a Idade Média contempla a descoberta e a utilização mais ampla de um novo meio de comunicação social: a imprensa (cf. PIERINI, 2014, p. 153). “A invenção e a difusão da imprensa contribuíram amplamente para expandir essa ‘fome sacra’. Estima-se em pelo menos 75% a proporção das obras religiosas na produção tipográfica entre 1445 e 1520. Multiplicaram-se particularmente as traduções da Bíblia” (PIERRARD, 2002, p. 162).

Portanto, os meios que a Igreja utilizou para revelar os ensinamentos da vida cristã e sua doutrina ao mundo medieval foram o testemunho de homens e mulheres que viveram a essência do cristianismo, as edificações das catedrais e seus adornos artísticos, assim como os instrumentos orais e escritos, seus principais meios de comunicar o Evangelho. Após o advento dos meios de comunicação social em massa e o desenvolvimento industrial, a Igreja dispenderá seus esforços para evangelizar as nações a partir de uma mentalidade mais urbanizada, característica dominante da sociedade moderna e contemporânea.

2 A IGREJA NO MUNDO URBANIZADO DA IDADE MODERNA E CONTEMPORÂNEA

2.1 O relacionamento e a influência entre a Igreja e a sociedade urbanizada na Idade Moderna

Neste subitem, abordaremos o contexto histórico da Idade Moderna com a intenção de descrever e elucidar a influência da imprensa, principal meio de comunicação entre os séculos XV e XVIII, através dos conceitos e conteúdo dos movimentos intelectuais vigentes em cada século. Tais ideias foram divulgadas por meio de “livros, revistas, jornais e panfletos”, produtos oriundos da imprensa (SILVA; FRANCO, 2010, p. 2). A propagação destes pensamentos, não só imprimiu novas posturas e mentalidades na sociedade, como também influenciou a Igreja do Ocidente no anúncio do Evangelho. O amplo material sobre a Idade Moderna se restringirá a alguns dos importantes acontecimentos que explicitarão a importância da imprensa neste período.

O marco inicial da Idade Moderna aconteceu no ano de 1453 em que a cidade de Constantinopla foi tomada pelos turcos, e conseqüentemente, o fim do Império Bizantino. Os séculos XIV e XV que antecederam a modernidade demonstraram uma transição de cultura, de unidade entre as regiões europeias e da mentalidade da sociedade. Unido a essas mudanças havia a intenção de reforma na Igreja do Ocidente que se arrastava desde a separação entre a Igreja e o Estado, em que ela perdera influência política, social e religiosa (cf. AQUINO, 2018b, p. 13-15).

Outro fato importante deste período foi a evolução técnico-científica, com a qual a imprensa foi inventada. Segundo Defleur e Ball-Rokaech (cf. 1993, 18-19), a imprensa, que inicialmente foi utilizada para imprimir a Bíblia nos diversos idiomas, contribuiu para a alfabetização da maioria da população. As pessoas simples tiveram a oportunidade de se alfabetizar e de conhecer os conteúdos restritos ao clero e a nobreza, uma vez que os livros eram escritos em latim.

Após a introdução da imprensa na sociedade, a Igreja do Ocidente, preocupada com a influência de livros e folhetos impressos, publicou em 1487 a constituição “*Inter Multiplices*”.

Através deste documento pontifício, o Papa Inocêncio VIII (1484-1492) emitiu pela primeira vez, a posição da Igreja sobre os meios de comunicação impressos, conforme o trecho que diz

Paralelamente, deve-se considerar como pernicioso e extremante hostil ao mesmo gênero humano o fato de publicar e de trazer, por escrito, ao conhecimento geral, o que é nocivo, oposto às sãs doutrinas, à honestidade dos costumes e, sobretudo, à ortodoxia religiosa. Efetivamente, tanto mais o bem é universal, quanto mais ele é útil, divino e grande; igualmente, deve-se considerar como mais perverso e mais abominável um mal que se expanda com maior amplidão e abundância, já que as intenções da fraqueza humana se inclinam mais para o mal do que para o bem (INTER MULTIPLICES *apud* ALVARENGA, 2020 , p. 6).

Essa postura de condenação e repressão aos impressos contrários à doutrina da Igreja permeou essa constituição. Em outro trecho do documento, o Papa recomendou que se queimasse todos os impressos condenados pela Igreja (cf. ALVARENGA, 2020, p. 6).

Entre as formas de escrever os textos modernos, ressalta-se a escrita humanista que foi uma redescoberta da cultura greco-romana. O humanismo foi um dos aspectos do Renascimento cultural da Idade Moderna. Este movimento humanista causou a ruptura com o teocentrismo medieval ao adotar o antropocentrismo, com a qual o homem se torna o centro das realidades artísticas, filosóficas e científicas. Essa transformação na visão de mundo neste período não se dissociou da religiosidade (cf. MATOS, 1995, p. 13-14; SOUSA, [s. d.], [s. n.]).

Esta retomada aos escritos da Antiguidade aconteceu no ambiente acadêmico, pois havia a preocupação dos pensadores cristãos em fundamentar melhor a religião. Para isso, utilizou-se as fontes do cristianismo, especialmente a Bíblia e os Santos Padres da Igreja (cf. MATOS, 1995, p. 13-14).²¹

Além disso, o maior propagador do humanismo cristão na Idade Média foi Erasmo de Rotterdam (1467-1536) que propôs este movimento como programa de renovação para a Europa. O principal mérito de Erasmo de Rotterdam para ser o expoente no humanismo cristão foi retomar o estudo da teologia positiva e a imposição de rigorosos métodos da história ao estudo da Revelação. Além Disso, a capacidade exegética e reformadora logrou a Erasmo de Rotterdam o título de grande mestre do pensamento humanista na Europa. Entretanto, por meio de sua ironia mordaz e sua crítica a instituições e personalidades da Igreja, contribuiu para a Reforma Protestante (cf. AQUINO, 2018a, p. 411; MATOS, 1995, p. 24-26; PIERRARD, 2002, p. 163).

²¹ Santos Padres ou Padre ou Pai da Igreja se refere a “aqueles grandes homens da Igreja, aproximadamente do século II ao século VII, que foram no Oriente e no Ocidente como que «Pais» da Igreja, no sentido de que foram eles que firmaram os conceitos da nossa fé, enfrentaram muitas heresias e, de certa forma foram responsáveis pelo que chamamos hoje de Tradição da Igreja; sem dúvida, são a sua fonte mais rica” (cf. ECCLESIA, 2021, [n. p]).

O Concílio de Latrão V, juntamente com o Papa Leão X, preocupado com o avanço de técnicas para produção de livros e a emergência de pensamentos contraditórios a doutrina católica publicou a Constituição “*Inter sollicitudines*”. No início da constituição, elogia-se o progresso alcançado e o reduzido custo para imprimir livros. Além disso, apontou o benéfico efeito que os livros causam na alfabetização e na formação dos cristãos na doutrina católica, a fim de que, uma vez capacitados, possam evangelizar as pessoas que não tem fé (INTER SOLLICITUDINES, 1515, [n. p]).

Entretanto, o documento exortou aos pastores e aos fiéis que tenham atenção com os novos livros que são impressos, pois a Santa Sé recebeu informações de que haveriam livros impressos com informações contrárias a sã doutrina com os seguintes termos

chegou aos nossos ouvidos e desta Sé Apostólica que alguns impressores, aqui e ali no mundo, se atreveu a imprimir e vender publicamente livros traduzidos para o latim do grego, hebraico, árabe e caldeu, ou escritos diretamente em latim ou no vernáculo, que contenham erros, mesmo na fé, e declarações prejudiciais, mesmo contra a religião cristã, e contra o bom nome das pessoas, mesmo de eminente dignidade; dos quais livros os leitores não só não são edificados, mas são induzidos aos maiores erros, tanto na fé como na moralidade; de modo que - como a experiência ensina - muitos escândalos ocorreram e mais se temem no futuro (INTER SOLLICITUDINES, 1515, [n. p], tradução nossa).

A Constituição é concluída com a decisão de que todos os escritos deveriam ser aprovados pela Santa Sé para que pudessem ser impressos. Caso esta regra fosse desrespeitada, os impressos seriam apreendidos e queimados; o estabelecimento que imprimisse receberia sanções, podendo ser interdito por um ano; e o escritor do livro seria excomungado (INTER SOLLICITUDINES, 1515, [n. p]).

Um acontecimento que ilustra o desrespeito às recomendações da Constituição “*Inter sollicitudines*” foi a fixação das 95 teses de Martin Lutero (1483-1546) na porta da Igreja de Wittenberg no ano de 1517. Esta atitude de Lutero foi motivada pela crise da Igreja Ocidental na Idade Moderna, com a qual se estendia desde o “Outono da Idade Média”.²² Na Idade Moderna, ocorreu-se um duplo movimento no interior da Igreja: “de um lado, evidentes sinais de renovação e de esperança; de outro lado, inegáveis deficiências na vivência religiosa” (MATOS, 1995, p. 29). Neste sentido, houve um grande empenho de evangelização, principalmente na base da Igreja. Essa evangelização visava superar a religião formalista e mágica, no qual deseja retornar ao Evangelho vivo, uma volta às genuínas fontes do cristianismo através de cerimônias mais simples e uma piedade mais sincera. Entretanto, não havia o mesmo entusiasmo por parte das altas instâncias eclesiásticas. A Cúria Romana, um dos órgãos eclesiásticos, vivia a falta de autêntico espírito religioso, pois estava imersa num

²² Para compreender o que foi o “Outono da Idade Média” ler p. 19.

faustoso luxo, na venda de cargos e em algumas situações, os clérigos até possuíam filhos que eram frutos do concubinato (cf. AQUINO, 2018b, p. 30-31; MATOS, 1995, p. 29-30; PIERRARD, 2002, p. 164).

Esta falta de comprometimento eclesiástico culminou na Reforma Protestante que envolveu Martin Lutero²³, Ulrico Zwínglio (1484-1531)²⁴, João Calvino (1509-1564)²⁵ e outros reformistas²⁶. Segundo Briggs e Burke (2006, p. 42-43), a Reforma Protestante, promovida por Martin Lutero foi um dos acontecimentos que mais impulsionou a propagação da imprensa de Gutenberg. Duas semanas após a fixação das 95 teses, a Alemanha já conhecia o conteúdo que Martin Lutero havia exposto. Isto foi possível porque estudantes copiaram e divulgaram as teses em panfletos.

A resposta para Reforma Protestante foi discutida na Contra-Reforma, como ficou conhecido o Concílio de Trento (1545-1563), com a qual promoveu uma renovação na Igreja Católica. Entre outros assuntos, o Concílio tratou das inverdades a respeito das doutrinas protestantes difundidas para a sociedade. Na sessão XVIII (26 fev. 1562), o Concílio definiu uma equipe para analisar os livros suspeitos e perigosos para a doutrina católica por meio de um decreto que diz

O sacrossanto Concílio Tridentino, ecumênico e geral [...] tende principalmente a: finalmente restaurar à pureza e ao esplendor antigos a doutrina da fé católica poluída e manchada, em muitos lugares, com muitas opiniões conflitantes, para melhorar os costumes decadentes e levar o coração dos pais de volta aos filhos e os corações destes para com os pais. O concílio notou, em primeiro lugar, que nesta época o número de livros suspeitos e perigosos, que contêm uma doutrina impura, que difundem por toda parte, tem crescido demais, de modo que, apesar das muitas censuras estabelecidas com zelo piedoso, em várias províncias, e especialmente na cidade de Roma, entretanto, nenhum medicamento ajudou uma doença tão séria e

²³ Martin Lutero fundou a Igreja Luterana, sua intenção inicial era realizar uma reforma na Igreja católica, não um rompimento com Roma (cf. MATOS, 1995, p. 36; PIERRARD, 2002, p. 171). Entretanto, em 1520, através da Bula Exsurge Domine a Igreja solicitou a retração de Lutero por interpretar que seu pensamento divergia da doutrina católica. No ano seguinte, após recusar a se retratar foi excomungado pela bula Decet Romanum Pontificem (cf. AQUINO, 2018b, p. 88-89).

²⁴ Ulrico Zwínglio, pároco de Glaris na suíça germanófona, após a adesão às ideias e ao movimento Luterano, “iniciou sua própria revolta religiosa em 1518, [...] chegando a dizer a seu respeito que ‘era um homem não cristão’, sobretudo por sua doutrina da presença apenas simbólica de Cristo na Eucaristia” (AQUINO, 2018b, p. 91).

²⁵ João Calvino, francês nascido em berço católico se converteu ao protestantismo (1527-1528). Após sua conversão e anúncio do protestantismo, Calvino foi perseguido pelo governo francês que o obrigou a mudar para Basileia (Suíça francófona), e posteriormente, para Genebra onde fundou o calvinismo. Calvino defendia a predestinação, “embora se assemelhe à Lutero, tem seu ponto característico no conceito de Deus. Colocou ênfase sobre a Majestade e a Soberania divinas, a ponto de dizer que há duas predestinações: uma para salvação e outra, explícita, para a condenação eterna: Deus não apenas permite a perda dos pecadores, mas empurra-os para o abismo” (cf. AQUINO, 2018b, p. 99-100).

²⁶ Entre os outros reformistas, destaca-se o rei Henrique VIII (1491-1547), fundador do anglicanismo, que após excomungado pelo Papa Clemente VII (1523-1534) cismou com a Igreja Católica. A excomunhão do rei e a fundação do anglicanismo foram consequência de um segundo casamento entre o rei e Ana de Bolena (1532). A nova religião nacional “seguia principalmente Calvino no tocante a predestinação e à Eucaristia, mostrando-se em outros pontos luterana, zwingliana e até católica” (cf. AQUINO, 2018b, p. 144-146).

perigosa. Portanto, ordenou que um grupo de padres eleitos para o exame das censuras e dos livros considerassem diligentemente o que era necessário fazer e, em tempo oportuno, também o relatassem ao mesmo santo sínodo, para que pudesse separar mais facilmente os diferentes e de doutrinas peregrinas., como se fossem joio, do trigo da verdade cristã; e pode deliberar e estabelecer com mais facilidade o que parece mais apropriado para remover a dúvida de muitas almas e remover as causas de muitas queixas. O conselho quer que tudo isso seja levado ao conhecimento de todos, como pretende fazer com este decreto, para que se alguém sentir que está de alguma forma interessado na questão dos livros e da censura, ou nos outros temas que vierem a ser tratado neste concílio geral, não duvide que você será ouvido com gentileza pelo santo sínodo (CONCÍLIO DE TRENTO, [1562], [n. p], tradução nossa).

Após a conclusão dos trabalhos da equipe conciliar, composta na Sessão XVIII do Concílio de Trento, o Papa Pio IV (1559-1565) promulgou a Bula *Dominici gregis*, aos bispos e preladados. A Bula estabelecia o índice de livros proibidos (*Index*) e dez regras para todos os fiéis, com a qual definia livros proibidos ou considerados suspeitos de conter conteúdos contrários a fé Católica. Esta bula também regulou e autorizou os bispos locais de analisar quais conteúdos deveriam ou não ser impressos (cf. PIO IV, [1964]. n. p).

Os papas Clemente VIII (1592-1605) e Alexandre VII (1655-1667), sucessores do Papa Pio IV, além de reafirmaram as regras da Bula *Dominici gregis*, emitiram suas observações sobre algumas regras. O Papa Clemente VIII, na Constituição *Sacrosanctum catholicae*, designou a responsabilidade aos cardeais de proibir, de autorizar a leitura e de solucionar dúvidas a respeito das obras contidas no índice de livros proibidos, restringindo ainda mais o seu acesso. Com esta mudança, o Papa Clemente realizou correções nas regras “IV”²⁷ e “IX”²⁸ da Bula *Dominici gregis* (cf. CLEMENTE VIII, [1595], [n. p]). Já o Papa Alexandre VII, promulgou o Decreto “*Sacra Congregatio*” do Santo Ofício exortando os avaliadores dos livros proibidos a uma melhor análise destas obras, pois havia crescido o número de “livros perversos”. Deste modo, o decreto estabeleceu os critérios da imparcialidade e da isenção afetiva na escolha do avaliador dos livros. Além disso, o acréscimo de características do avaliador no Decreto “*Sacra Congregatio*” atualizou a regra “X”²⁹ na Bula *Dominici gregis* (cf. ALEXADRE VII, [1659], [n. p]).

²⁷ Na Bula *Dominici gregis*, a regra “IV” prescreve “visto que a experiência prova que, se permitida a leitura indiscriminada das Sagradas Escrituras em língua vernácula, por imprudência dos homens, há mais prejuízo no temor do que vantagens a esperar, nesta matéria cabe aos julgamento do bispo ou inquisidor: de forma a conceder, a conselho do pároco ou confessor, permissão para ler em língua vernácula os livros traduzidos por católicos apenas para aqueles para os quais se espera que tal leitura não seja prejudicial, mas útil à fê e à piedade; em qualquer caso, este direito é por escrito [...] . Os religiosos, então, poderão ter essa faculdade de ler e comprar somente de seus superiores” (PIO IV, [1564], [n.p], tradução nossa).

²⁸ Na Bula *Dominici gregis*, a regra “IX” diz que “Todos os livros que tratam de [...] feitiços, venenos, previsões, feitiços, artes mágicas e similares são completamente proibidos” (PIO IV, [1564], [n.p], tradução nossa).

²⁹ Na Bula *Dominici gregis*, a regra “X” diz o seguinte: “Quanto à impressão de livros e outras escrituras, as disposições do Concílio de Latrão, sob Leão X 3 [...] devem ser observados. Fora de Roma, a aprovação e o exame ficarão a cargo do bispo, ou outro especialista no setor de livros e impressão, seu delegado, e do

Em 1753, o Papa Bento XIV (1740-1758) “modernizou o *Index* e as funções deste serviço” (HOLMES; BICKERS, 2006, p. 208) através da promulgação da Constituição *Sollicita ac provida* que atualizou as definições de análise dos livros impressos na Congregação do *Index*. No documento pontifício, desenvolve-se um método de análise dos livros impressos para permissão, alteração ou proibição. Além disso, houve uma diferenciação entre a análise de um livro de pessoa católica e não católica, sendo que, para os livros católicos havia mais processos de análise afim de que eles não fossem facilmente proibidos como as outras obras não católicas (cf. BENTO XIV, [1753], [n. p]).

Treze anos depois da Constituição *Sollicita ac provida*, o Papa Clemente XIII (1758-1769) escreveu a Carta Encíclica *Christiane Reipublicae salus* (1766) com a intenção de alertar sobre o perigo dos livros “publicados em torrentes para destruir o povo cristão, vomitar venenos de viperina, turvar toda fonte clara de fé e eles violam os fundamentos da religião” (CLEMENTE XIII, [1766], [n. p], tradução nossa). Além disso, o pontífice reiterou os deveres dos bispos de condenar tais livros imorais, bem como os teólogos que são autores desses escritos. Na Carta Encíclica, Clemente incentivou e apresentou soluções aos bispos com as seguintes instruções: “É preciso lutar com coragem, como a coisa exige, e com todas as forças para vencer o flagelo mortal de tantos livros; na verdade, a questão do erro só escapará destruindo com as chamas as causas criminosas da corrupção” (CLEMENTE XIII, [1766], [n. p], tradução nossa).

Tanto a Constituição *Sollicita ac provida*, quanto a Carta Encíclica *Christiane Reipublicae salus* foram respostas à “crise da consciência europeia” no século XVIII. Esta crise foi influenciada pelo “pirronismo metódico³⁰ e sorridente, o deísmo vago³¹, a fé no

inquisidor por heresia, da cidade ou diocese onde o livro for impresso: a aprovação de que é autógrafo, grátis e sem demora [...]; entendendo-se que uma cópia autêntica do livro, assinada pelo autor, fica com o revisor; e que quem divulgar manuscritos sem prévio exame e aprovação será punido [...] com as mesmas penalidades das impressoras; e quem os guarda ou lê sem que o autor seja conhecido será tratado como o próprio autor. Essa aprovação dos livros é concedida por escrito, e a fórmula é reproduzida na página de rosto do manuscrito ou impresso [...]” (PIO IV, [1564], [n.p], tradução nossa).

³⁰ “O ceticismo pirrônico [...] é um tipo de ceticismo que dá ênfase à suspensão do juízo. É nisso que consiste o ceticismo efético, ou suspensivo, que Sexto considera como o verdadeiro “ceticismo”, e que seria proveniente da filosofia de Pirro de Élis (c.360-c.270 a.C.). É por isso que o ceticismo antigo [pirrônico] é frequentemente denominado de “pirronismo”. [...] Os cétricos pirrônicos não alegam ter descoberto a verdade nem afirmam que esta não pode ser descoberta, mas que continuam investigando. [...] O pirronismo antigo é, sem dúvida, uma filosofia da dúvida. Quando se fala indistintamente do ceticismo filosófico, no entanto, tende-se a reduzi-lo à dúvida. A imagem do cétrico como aquele que duvida de tudo está vinculada ao ceticismo moderno, à dúvida de Descartes como empregada nas Meditações.” (cf. CONTE, 2008, [n. p]).

³¹ O deísmo é a “doutrina que considera a razão como a única via capaz de nos assegurar da existência de Deus, rejeitando, para tal fim, o ensinamento ou a prática de qualquer religião organizada [O deísmo difundiu-se principalmente entre os filósofos enciclopedistas e foi o precursor do ateísmo moderno.]” (Deísmo, 2021, [n. p]). Segundo Ferreira (2004), o deísmo é um “sistema ou atitude dos que, rejeitando toda espécie de revelação divina e, portanto, a autoridade de qualquer Igreja, aceitam, todavia, a existência de um Deus, destituído de atributos morais e intelectuais, e que poderá ou não haver influído na criação do Universo” (FERREIRA, 2004, p. 612).

progresso ilimitado do homem, a dessacralização do mundo, a hostilidade aos dogmas, o epicurismo³², a crítica a toda autoridade e o não-conformismo”, algumas características deste século que ficou conhecido por “século de Voltaire”. (PIERRARD, 2002, p. 203-205).

A necessidade de regulamentar a proibição ou não de livros impressos nos documentos pontifícios, evidenciou uma crise institucional e notável perda de influência política, cultural e religiosa da Igreja para com seus fiéis, com a qual foi preciso impor uma conduta com suas respectivas consequências e punições para que houvesse o cumprimento das normativas eclesiais. Neste período em que a imprensa era o meio de comunicação social vigente, com qual se evidenciava por meio dos livros, percebeu-se que ela possuía algumas características dos “jornais” criticados na quarta estrofe da música “De lá do interior”. Além disso, a influência da Igreja pode ser comparada com a terceira estrofe desta mesma canção do Padre Zezinho que diz “Eu vim de lá do interior/ E sei que a religião/ Já não influi mais tanto/ Nas pessoas”, pois ambas retratam a vivência de um período semelhante de competição. Denota-se também que ambas têm dificuldades na evangelização devido a emergência de novos instrumentos culturais e informativos que competem entre si para a formação do homem na sociedade.³³ Assim, a evangelização da Igreja deixa de ser a fonte dos ensinamentos para a formação humana e se torna mais uma fonte de conhecimento entre tantas que existiam na Idade Moderna.

Além da disputa entre a Igreja, o protestantismo e o emergente renascimento cultural que era promovido pelo movimento humanista, outro acontecimento que também marcou a Idade Moderna foi o desenvolvimento das principais descobertas da ciência moderna. Ressalta-se que os estudos científicos na Idade Moderna sofreram uma mudança no modo de compreender a ciência, com a qual romperam com a tradição de iniciar o saber por meio de verdades pré-constituídas para buscar a verdade através da experiência (cf. ZAGHENI, 1999, p. 210-211). Nesta evolução científica, elenca-se a criação do leme, a prática da anatomia e a observação astronômica. O uso do leme, juntamente com a bússola, permitiu o descobrimento e a evangelização do novo mundo por meio da expansão marítima protagonizada pelos reinos de Portugal e da Espanha no fim do século XV. Com relação a observação astronômica, Galileu Galilei (1564-1642), fez grandes descobertas científicas que confirmaram a teoria do

³² O epicurismo é a “doutrina do filósofo grego Epicuro (341-270 a.C.) e seus epígonos, caracterizada por uma concepção atomista e materialista da natureza, pela busca da indiferença diante da morte e uma ética que identifica o bem aos prazeres comedidos e espirituais, que, por passarem pelo crivo da reflexão, seriam impermeáveis ao sofrimento incluído nas paixões humanas” (EPICURISMO, 2021, [n. p]).

³³ Ver nota de rodapé 13, na página 9.

heliocentrismo de Nicolau Copérnico (cf. AQUINO, 2008, p. 178; AQUINO, 2018b, p. 16-17.30-31; cf. MATOS, 1995, p. 14-15).³⁴

Deste período de conflitos e choques culturais nasceram grandes santos e congregações que defenderam e sustentaram a fé na Igreja. Entre os santos e congregações, cita-se Santo Inácio de Loyola (1491-1556) e sua Ordem Religiosa a Companhia de Jesus.³⁵ Os jesuítas contribuíram com a expansão evangelizadora católica no novo mundo (Índia, Brasil, Japão e China), bem como exerceram um papel fundamental na restauração da crise institucional no catolicismo através da evangelização proposta pela Contra-Reforma. Essa renovação foi possível por meio da primeira missão confiada à Congregação de assumir a educação e o ensino nos colégios e universidades. A dimensão missionária do ensino na Companhia de Jesus rendeu-lhe um desenvolvimento científico e cientistas eclesiásticos notórios, inclusive Galileu Galilei esteve com o Padre jesuíta Clavius e o elogiou pelo empenho nas observações a respeito de novos planetas. Ressalta-se ainda, a quantidade de cientistas nas variadas áreas como matemática, física, arquitetura, teologia, filosofia, medicina, astronomia, geologia, poeta, geografia, biologia, agronomia, sismologia, meteorologia, geofísica, entre outras não especificadas (cf. AQUINO, 2008, p. 182-192; AQUINO, 2018b, p. 161; HOLMES; BICKERS, 2006, p. 184-189; PIERRARD, 2002, p. 191-193).

Matos (1995, p. 67) resumiu o apostolado dos jesuítas em: exercícios espirituais, destinados a diretores espirituais como contribuição para seus dirigidos; defesa da fé católica contra questionamentos e ameaças do protestantismo; missões “*ad gentes*” para inculturação do evangelho nas nações; educação e ensino em colégios e universidades; e associações leigas, como as “Congregações Marianas”.

É importante recordar, no século XVII, a emergência da autoridade absolutista do rei, inclusive com seus supostos poderes sobre a Igreja. Neste modo de governo, todos os cidadãos deveriam “pensar como o rei” sem a possibilidade de emitir opiniões e posições contrárias ao monarca. Com isso, a Igreja institucional precisou seguir os interesses monárquicos e viveu a submissão ao Estado, com a qual a Igreja era considerada uma

³⁴ Heliocentrismo é a “teoria segundo a qual o Sol está no centro do sistema solar, sendo que a Terra gira ao seu redor; Nicolau Copérnico (1473-1543) foi o primeiro a apresentar evidências de que este sistema estaria correto.” A etimologia do termo foi extraída do grego “helios” que significa sol + centro + ismo. (cf. Heliocentrismo, 2021, [n. p.]).

³⁵ Santo Inácio de Loyola foi fundador da Ordem Religiosa Companhia de Jesus (Jesuítas) no ano 1534 juntamente com outros seis membros da ordem são eles: Pedro Fabro, Francisco Xavier, Alfonso Salmeron, Diego Laynez, Nicolau Bodedilla e Simão Rodrigues (AQUINO, 2018b, p. 160). Segundo Pierrard, a Companhia de Jesus é a “mais célebre comunidade de clérigos regulares, de fato a mais poderosa das ordens religiosas modernas” (PIERRARD, 2002, p. 191).

“espécie de departamento de administração civil” com total dependência do soberano. Esta forma de cristandade, união entre Igreja e Estado, visava mais os interesses políticos do que a missão religiosa da Igreja e ficou conhecida como Galicanismo.³⁶ A grande influência do rei nas decisões da Igreja unido a pouca expressividade dos papas da época culminou na supressão da Companhia de Jesus por meio do breve *Dominus ac Redemptor* (1773), no pontificado de Clemente XIV (1769-1774) (cf. HOLMES; BICKERS, 2006, p. 208-210; MATOS, 1995, p. 152-153; PIERRARD, 2002, p. 202-203). A Congregação dos Jesuítas não foi extinta definitivamente porque os reis protestantes não concordaram com a decisão da Igreja Católica e descumpriram as ordens da Santa Sé permitindo que os jesuítas continuassem com outro nome até 1800, quando houve a revogação da decisão que suprimia a congregação (cf. HOLMES; BICKERS, 2006, p. 210; ZAGHENI, 1999, p. 212-213).

Aquino afirmou que

Sem jesuítas, faltou à Igreja os meios de comunicação social, imprensa, colégios, missões populares e estrangeiras, atividades culturais e científicas. O ensino cristão ficou privado de 800 colégios e 15.000 professores; as missões em países pagãos foram cancelados; uma parte imensa do pensamento católico, exatamente a que resistia aos erros do jansenismo, tornou-se suspeita e quase condenada. E a Igreja ficou enfraquecida diante dos seus terríveis inimigos (AQUINO, 2018b, p. 315).

Ao final do século XVIII, por causa da supressão da Companhia de Jesus, verifica-se uma sociedade que havia passado pelo processo de secularização através das seguintes transformações: reivindicação de total autonomia do homem frente a qualquer imposição externa; rejeição das respostas prontas provenientes de argumentos da autoridade; a razão humana é colocada em primeiro plano; distanciamento e oposição entre fé e ciência; substituição da intervenção sobrenatural pela confiança ilimitada na capacidade intelectual; e o verdadeiro progresso do espírito são as evoluções técnicas e científicas. Nesta perspectiva, a Igreja era concebida como o obstáculo à liberdade e ao avanço da humanidade (cf. MATOS, 1995, p. 154-155).

Segundo Gaxotte, “o drama do século XVIII [...] está na dissolução e na reviravolta das ideias que tinham iluminado e dominado o século XVII” (GAXOTTE *apud* AQUINO, 2018b, p. 306). Nesta época, a França que era o país mais importante da Europa, recebeu a maior difusão do Iluminismo³⁷ através da produção de mais de duas mil obras irreligiosas e

³⁶ Segundo Matos (1982, p. 153), esta submissão da Igreja ao Estado “é conhecida na história com o nome de galicanismo, pelo fato de este fenômeno ter seu berço na Gália, antiga denominação da França”.

³⁷ O Iluminismo foi um “movimento filosófico que dominou as classes dirigentes: exaltava a razão, a ciência e a natureza; fazia uma crítica indiscriminada à tradição e ao passado, e continha tendência materialista; desprezava a religião em nome do “deísmo” [ver nota de rodapé 31, na página 29] e da incredulidade; fazia a exaltação exagerada do homem e era hostil a Igreja Católica. Deu origem a muitas ideologias modernas, que desprezam a revelação sobrenatural e a espiritualidade do homem.

panfletos anticlericais impressos. A propagação desse conteúdo causou grande repercussão sobre o tratamento e o acolhimento da sociedade frente às ações e direcionamentos institucionais propostos pela Igreja Católica. Por meio dessas informações, torna-se perceptível a grande influência dos meios de comunicação impressos na construção da sociedade na Idade Moderna, bem como a sua contribuição para a perda de credibilidade da Igreja Católica Institucional. A Igreja, desprovida de sua principal força moral e intelectual, a Companhia de Jesus, acompanhou as monarquias absolutistas, o racionalismo e o Iluminismo propagarem seus ideais que culminaria na Revolução Francesa (1789), marco que finda a Idade Moderna (cf. AQUINO 2018b, p. 304-309; MATOS, 1995, p. 155-158; PIERRARD, 2002, p. 210-212).

Ao término da Idade Moderna, evidenciou-se a força propagadora do conhecimento e ideais por meio dos livros, panfletos e outros meios impressos. Estes meios de comunicação produzidos em grande quantidade através da imprensa, foram capazes de difundir e enraizar o pensamento e objetivos dos movimentos modernos, com a qual resultou na transformação da mentalidade na sociedade Europeia. Houve uma resistência aos meios de comunicação social por parte da Igreja Católica, principalmente pelos danos que as falsas doutrinas pudessem causar aos cristãos católicos. A Igreja Católica a ameaçada por estes novos conhecimentos, também se serviu destes meios para exprimir sua doutrina e refutar os ensinamentos contrários a fé. Entretanto, a eficácia das críticas dos novos movimentos intelectuais à Igreja Católica somados as crises e divergências internas na Igreja proporcionaram a ruptura entre a fé e a ciência e entre Igreja e sociedade. Estes acontecimentos tornaram possível a inevitável secularização da sociedade ocidental, colocando assim o homem acima de todas as coisas.

2.2 O relacionamento e a influência entre a Igreja e a sociedade urbanizada na Idade Contemporânea

Após a declarada censura e repressão da Igreja Católica aos meios de comunicação social na Idade Moderna, a Igreja mudará sua postura gradativamente para uma aceitação dos meios de comunicação social, a ponto de também incentivar e fazer o uso dos mesmos, conforme é percebido na contemporaneidade. Além disso, demonstraremos o advento de novos meios de comunicação social (rádio, cinema, televisão e internet) que influenciaram de maneira positiva e negativa a sociedade contemporânea e os respectivos posicionamentos da Igreja Católica a cada um deles.

O alvorecer da Revolução Francesa foi a sensação de novidade experimentada pelos revolucionários franceses que delimitou o fim da Idade Moderna e a abertura da Idade Contemporânea que perdura até os nossos dias (cf. KOSHIBA, 2000, p. 14). A Revolução Francesa foi uma revolta burguesa que reivindicava a liberdade, fraternidade e igualdade de todos os Homens. A burguesia juntamente com o povo, puseram-se contra o “*Ancien Régime*” que oprimia e descontentava todas as classes sociais.³⁸ Após infrutífera reunião dos Estados Gerais, o Terceiro Estado põe fim aos impasses entre os envolvidos nas discussões sobre a crise financeira quando se declarou mandatário legítimo da nação francesa e transformou os Estados Gerais em Assembleia Nacional Constituinte.³⁹ O povo parisiense, inflamado por este acontecimento, realizou a tomada da Bastilha no ano de 1789, com a qual ficou conhecido como o marco inicial da revolução.⁴⁰ Além disso, os representantes do povo aprovaram a Declaração dos Direitos do Homem e do cidadão na recém instituída Assembleia Constituinte. Apesar de não ser um movimento anti-religioso, o movimento revolucionário assumiu a função de descristianização da França quando declarou o catolicismo como principal inimigo das liberdades revolucionárias, pois foi um obstáculo para suprimir a “*Ancien Régime*” (cf.

³⁸ O Ancien Régime é a ordenação social e políticas antes da Revolução francesa, com a qual é caracterizado por profundas desigualdades. Os burgueses, a parte mais ativa e produtiva, não tinham uma participação efetiva nas decisões políticas e era classe social mais sobrecarregada de impostos. O povo, além de pagar impostos e direitos de diversa natureza, prestava serviços gratuitos ao Estado e às classes privilegiadas, o que lhe deixava infeliz e intimamente revoltado (cf. MATOS 1995, p. 183). Segundo Koshiba (2000, p. 17), “o Antigo Regime pode ser entendido como o feudalismo reestruturado em novas bases materiais.”

³⁹ Os Estados Gerais eram “os representantes dos três estamentos sociais” formados pela nobreza pelo clero e pelo “Terceiro Estado” (burguesia e povo) (cf. MATOS 1995, p. 184).

⁴⁰ A Bastilha era “a fortaleza-prisão do Estado [...] e símbolo do regime opressor” (cf. MATOS 1995, p. 184).

AQUINO, 2018b, p. 324-329; MATOS 1995, p. 183-184; PIERRARD, 2002, p. 211-217; HOLMES; BICKERS, 2006, p. 239-247).

A descristianização do Estado promovida pela Revolução Francesa permaneceu até 1799 quando Napoleão Bonaparte (1769-1821) se torna Consul. Esse acontecimento foi possível, não por motivos religiosos, mas porque Napoleão percebeu a influência que o padre possuía sobre as massas populares, e esta realidade favoreceria para a pacificação do governo do seu Estado. Em 1813, após o revés de Napoleão na batalha contra Rússia, o Império Russo (ortodoxo), o Império Austríaco (católico) e o reino da Prússia (protestante) se aliaram, criando a Santa Aliança para derrotar o império Napoleônico que caiu em 1815. Depois da vitória sobre Napoleão, a Santa Aliança dividiu os territórios e os impérios e reinado anteriores à Revolução retornaram ao poder (cf. AQUINO, 2018b, p. 334-335.351-353; MATOS 1995, p. 184-185.191.194; PIERRARD, 2002, p. 221-225; HOLMES; BICKERS, 2006, p. 247-251).⁴¹

Após a queda do Império Napoleônico, a Companhia de Jesus foi restaurada pelo Papa Pio VII (1800-1823), de quem a Igreja Católica se serviu por um longo tempo para a reestruturação e o florescimento do catolicismo (cf. AQUINO, 2018b, p. 358). Esse período de restabelecimento da Igreja ficou conhecido como contra-revolução (cf. PIERRARD, 2002, p. 225). Com relação ao florescimento da Igreja Dom Baunard escreve

Nunca a Igreja da França criou e manteve às suas custas tantas escolas; ela fundou centenas e centenas de colégios cristãos. Nunca construiu tantas igrejas e tantos conventos; nunca abriu tantos refúgios para todas as misérias... Em parte alguma suscitou tantas vocações; raramente gerou mais santos e santas (BAUNARD *apud* PIERRARD, 2002, p. 231-232).

Além desses fatos, um outro movimento se beneficiou com a derrota de Napoleão, o liberalismo (cf. PIERRARD, 2002, p. 225).⁴² Este novo movimento político saiu da Revolução fortalecido e se tornou a nova oposição para a Igreja Católica. Ao final do século XIX, o Papa Leão XIII (1878-1903) com o Discurso *Ingenti sane laetitia* aos jornalistas

⁴¹ Napoleão Bonaparte foi um “militar, jovem e ousado. [...] Pôs-se a serviço dos revolucionários que desejavam expandir-se para fora das fronteiras da França, e moviam a guerra no exterior. Como General das tropas francesas, Napoleão tomou parte do Estado Pontifício. [...] No fim deste ano [1799], Napoleão regressou vitorioso como o novo Alexandre ou César. Deu golpe de estado em Paris aos 09 de setembro de 1799 (o 18 de Brumário)” (AQUINO, 2018b, p. 334-335). Em 1804, autoproclamou-se imperador (cf. PIERRARD, 2002, p. 221).

⁴² O liberalismo é uma filosofia de cunho “racional, idealista e otimista, enraizava-se na filosofia do século XVIII, rejeitando todo despotismo – sobretudo o religioso – [...]. Todos os setores vibrantes, principalmente a juventude – mas também os beneficiários da Revolução – , transformaram-se em liberais”. O liberalismo pretendia orientar tudo: “o governo, as relações sociais, o trabalho, a indústria [e] as relações internacionais” (cf. PIERRARD, 2002, p. 225).

católicos (1879) apresentou uma visão favorável da Igreja em relação aos meios de Comunicação Social que diz

Tendo, portanto, o costume universal tornado necessária a imprensa diária de alguma forma, os escritores católicos devem fazer todos os esforços para dirigir à saúde da sociedade e à defesa da Igreja o que é usado pelos inimigos em detrimento de ambos. Visto que, embora bons escritores não tenham permissão para usar certas artes e atrativos frequentemente usados por adversários, eles podem, no entanto, competir facilmente com eles quanto à variedade e elegância de seu discurso, e quanto à narração diligente de eventos recentes; pelo contrário, podem superá-los copiando conhecimentos úteis e ainda mais pela verdade, que é o desejo natural da alma, e que quando se mostra ao intelecto, pela virtude e beleza singulares com que é adornado, se esforça para concordar até mesmo os desordeiros. A maneira séria e moderada de escrever, que não ofende os leitores por excessiva ou intempestiva aspereza, nem para servir a interesses partidários ou privados, negligencia o benefício comum, será de grande benefício para esse propósito (LEÃO XIII, [1879], [n. p]).

Antes do Papa Leão XIII, a Igreja manteve uma postura de censura e repressão aos meios de Comunicação Social. Entretanto, o discurso papal constituía uma resposta ao primeiro e verdadeiro meios de comunicação de massa, o jornal de tostão, assim como aos emergentes meios de comunicação desta época (cf. ALVARENGA, 2020, p. 5-7; LEÃO XIII, [1879], [n. p]).⁴³

Segundo Defleur e Ball-Rokaech (cf. 1993, 18-19), os novos meios de comunicação de massa – jornais, livros e revistas – trouxeram transformações importantes para a sociedade e para a comunicação humana, a medida que, “influenciava não apenas padrões de interação nas comunidades e sociedades, como também as perspectivas psicológicas dos indivíduos.” Pierrard (2002, p. 231) acrescentou “é um fato que Igreja do século XIX não pretendia inicialmente responder aos seus adversários no terreno por eles dominado.”

Por isso, a Igreja Católica anunciou a fé pelos novos meios de comunicação não como um mecanismo útil para difundir sua missão, mas sim utilizou-lhes como um “campo de batalha”. Após da abertura de Leão XIII ao uso dos meios comunicação, a aceitação e o

⁴³ O jornal de tostão foi inaugurado “em meados da década de 1830 na cidade de Nova York. O jornal de massa foi um grande sucesso e dali a poucos anos espalhará-se por muitas partes do mundo. A terceira década do século XIX, pois, viu a tecnologia da impressão rápida e a ideia básica de um jornal combinarem-se no primeiro verdadeiro veículo de comunicação de massa. São importantes dois pontos dentre esses acontecimentos. Primeiro, o jornal de massa, como os outros veículos que se seguiram, foi uma invenção que somente ocorreu após um conjunto complexo de elementos culturais haverem aparecido e se acumulado no âmbito da sociedade. Em segundo lugar, como quase todas as invenções, ele representou uma combinação desses elementos num ambiente social que permitiu a aceitação e ampla adoção do jornal como um complexo cultural. Na qualidade de projeto técnico, foi compatível com — e talvez até exigido — pelas outras instituições culturais da época. A relevante estrutura institucional da sociedade em termos de processos econômicos, políticos e educativos, assim como modelos demográficos e ecológicos, proporcionou um ambiente dentro do qual pôde surgir e prosperar aquela determinada combinação de elementos representada pelo jornal de tostão” (DEFLEUR; BALL-ROKAECH, 1993, 18-19).

reconhecimento da utilidade dos meios de comunicação aconteceram com cautela e de modo gradual. (cf. PUNTEL, 2012, p. 8-9).

Outro documento importante que a Igreja Católica se manifestou a respeito dos novos meios de comunicação foi a Encíclica *Vigilanti Cura* do Papa Pio XI (1922-1939). Após as invenções do rádio⁴⁴ e do cinema⁴⁵, o pontífice alertou sobre os perigos que estes meios de comunicação podem causar na vida dos homens. O papa elogiou a atitude episcopal nos Estados Unidos da América pela criação da “Legião da Decência” e fez o convite aos bispos do mundo que criassem juntas nacionais para avaliação dos filmes. Este movimento traçou diretrizes com o intuito de reprimir os abusos das representações cinematográficas, com a qual o papa chamou de “santa cruzada”. Além da adesão de leigos católicos, o Papa mencionou o assentimento de distintos protestantes e de ilustres israelitas a “Legião da Decência”. As críticas dos bispos através da “Legião da Decência”, fundamentava-se nos

⁴⁴ O rádio foi inventado pela evolução de muitas descobertas do século XIX. Desde James Clerk Maxwell (1831-1879), o criador a teoria das ondas eletromagnéticas, até a sua invenção no ano de 1896 com Guglielmo Marconi (1874-1937), o rádio passou por muitas adaptações para ser o meio de comunicação social que se conhece na atualidade. A primeira transmissão, via rádio, aconteceu por meio do “envio de Dover (Inglaterra) a Viemeux (França), 52 quilômetros de distância, em Código Morse, na velocidade de 20 palavras por minuto.” A rádio, como o veículo de comunicação que conhecemos, foi criada nos Estados Unidos no início da década de 20. Reginald Aubrey Fessenden (1866-1932) foi o inventor do aparelho que transmitia a voz humana, a primeira transmissão da voz humana ocorreu na véspera do natal de 1906 por operadores em navios ao longo do Atlântico em rotas na costa dos Estados Unidos. Frank Conrad (1874-1941) “montou um transmissor” e iniciou a transmissão de “notícias lidas de jornais e músicas de discos, numa garagem de Pittsburgh, Pensilvânia, EUA.” (cf. DEFLEUR; BALL-ROKAECH, 1993, p. 54-55; GOMES, 2000, p. 2-3). Inclusive, a Rádio Vaticana foi criada em 1931, o cientista Marconi foi o viabilizador deste meio de comunicação social pontifício. No dia da inauguração da Rádio Vaticana, o inventor do rádio esteve presente para ouvir a primeira mensagem pontifícia radiofônica da história. A evangelização da Igreja através do rádio foi uma contraposição a propaganda fascista e nazista transmitida neste meio de comunicação social (cf. BONANATA; COLLET; 2019, [n. p]; SILVA, 2021, [n. p]).

⁴⁵ Segundo Defleur e Ball-Rokaech (1993, 39-49), “A história inicial do cinema é mais exatamente a estória de aperfeiçoamentos relativos a três problemas técnico-científicos que exigiram solução antes que pudesse ser concebido um aparelho para a projeção de filmes. O primeiro foi dominar os princípios da projeção de sombras; o segundo foi perceber um movimento contínuo da apresentação rápida de desenhos ou imagens paradas; e o terceiro foi a própria fotografia.” Estes três problemas foram resolvidos após vinte séculos, desde Arquimedes (287 a.C.-212 a.C.) a Thomas Alva Edison (1847-1931), empenhou-se nas descobertas e aperfeiçoamentos de equipamentos que pudessem transmitir o movimento de fotografias com objetivo de obter a sensação de movimento das imagens fotografadas. No final do século XIX, o inventor do cinema Thomas Edison “realizou a combinação tecnológica fundamental possibilitando o cinema, mas centenas de outros, em várias partes do mundo, contribuíram para isso. Do laboratório de Edison vieram a câmara de cinema e um projetor de filmes animados”. Este cinema, que era para uma pessoa, recebeu o nome de “Cinetoscópio” e foi disponibilizado ao público no ano de 1894. Em 1895, inaugurou-se em Paris o cinematographe com exibições para mais de um cliente. Edison juntamente com outro jovem, Thomas Armat (1866-1948), inventaram o “Vitascópio [...] para exibir filmes para o público.” Ao contrário da imprensa de Gutenberg, o cinema, “preocupou-se em sua fase inicial com trivialidades e inconseqüências. O conteúdo pouco interessava; era a novidade do movimento que importava. As primeiras plateias dos filmes fitavam com as bocas abertas qualquer imagem que se mexesse. [...] Desde o princípio, relacionamentos sistemáticos entre gostos da audiência e a estrutura financeira da ‘indústria’ nascente dirigiram a produção do conteúdo do filme. As audiências eram seletivas naquilo que iriam pagar para ver; e, por isso, os produtores eram seletivos naquilo que produziam.” Ressalta-se que o cinema foi influenciado pela Primeira Guerra Mundial (1914/1918) e permaneceu mudo até a trilha sonora chegar aos filmes no ano de 1920.

filmes que feriam a vida moral e religiosa do povo cristão com seus conteúdos que exprimiam “imagens luminosas, vícios crimes e delitos” (PIO XI, 1936, [n. p]).

O papa acrescentou

E ainda recentemente, no mês de abril último, recebendo em audiência um grupo de delegados do Congresso Internacional da Imprensa do Cinema, realizado em Roma, expúnhamos de novo o gravíssimo problema e exortávamos com ardor todas as pessoas cordatas, não só em nome da religião, mas também em nome do verdadeiro bem-estar moral e civil dos povos, de envidar todos os esforços, de usar de todos os meios, principalmente da imprensa, para que o cinema se torne cada vez mais um elemento precioso de instrução e de educação, e não de destruição e de ruína para as almas (PIO XI, 1936, [n. p]).

Ao final do documento, o Papa Pio XI afirmou que a criação destes órgãos diocesanos traria benefícios para a Igreja e para a sociedade. Além de cultivar pessoas bem formadas, contribuiria para o “progresso desta grande potência internacional, que é o cinema” (PIO XI, 1936, [n. p]).

Além da Encíclica *Vigilanti Cura* do Papa Pio XI, uma segunda encíclica a respeito dos meios de comunicação social foi escrita no século XX, a *Miranda Prorsus* do Papa Pio XII (1939-1958) sobre os meios de comunicação social do cinema, do rádio e da televisão⁴⁶.

Segundo Dariva (2003, p. 33-34), a Encíclica “*Miranda Prorsus* está relacionada a outros preciosos ensinamentos de Pio XII sobre a comunicação social. Os mais de 60 discursos e textos variados sobre diversas áreas e questões da comunicação são uma prova evidente do interesse desse papa no campo da comunicação social”. Além disso, a encíclica demonstra “uma grande capacidade de análise e uma postura positiva com relação aos meios eletrônicos, o seu potencial e as exigências pastorais que deles derivam”. Alguns comentadores opinam que a qualidade deste documento pontifício é “superior ao Decreto *Inter Mirifica*” e uma “continuação da Encíclica *Vigilanti Cura*”. Segundo Puntel (2012, p. 10), é a “primeira vez que a Igreja dá as boas-vindas aos meios de comunicação”.

⁴⁶ Segundo Defleur e Ball-Rokaech (1993, 20.47-52.61), o surgimento da televisão partiu do rádio, pois compartilhou de “uma história comum com rádio como também herdou sua base financeira, tradições, estrutura de controle, e até grande parte de seu talento”. A televisão se desenvolveu mais rápido que o rádio devido a tecnologia para sua construção e transmissão estavam avançadas. As primeiras transmissões televisivas foram realizadas no ano de 1939. No final de 1950, iniciou-se a saturação da televisão na sociedade e obteve seu auge na década de 1970. A expansão da televisão não foi maior devido o custo do aparelho e a Segunda Guerra Mundial interrompeu seu progresso. Além disso, a aquisição de televisores virou símbolo de posição econômica na sociedade e ouve uma “forte mudança de interesse do público, após 1960, da tela do cinema da cidade para a tela da televisão em casa.” Outra questão foi a repercussão do televisor, este recurso tecnológico exerceu impacto imediato e direto na sociedade. As crianças deste período gastavam mais tempo assistindo o que o televisor tem a oferecer do que passavam na escola. Assim “o televisor e os outros veículos são novidades em torno das quais seres humanos organizam suas vidas em modelos diferentes do que jamais ocorrera no decorrer de nossa evolução.”

Além do mais, o Pontífice também recomendou aos pastores sobre a necessidade de uma educação aos fiéis que são usuários destes meios de comunicação. O Papa Pio XII se dirigiu aos pastores de almas afirmando que eles devem lembrar os fiéis da lei de Deus que “proíbe ouvir transmissões prejudiciais para a sua fé ou para a sua vida moral”, e exortassem os que cuidam da juventude “à vigilância e à sábia educação do sentido das responsabilidades, perante o uso do aparelho receptor admitido no lar”. Com relação aos anunciadores do evangelho nestes meios de comunicação, o Santo Padre recomendou que “aumenteis e aperfeiçoeis mais ainda, segundo as necessidades e possibilidades de cada lugar, as transmissões religiosas”, especialmente os programas religiosos transmitidos na televisão (cf. DARIVA, 2003, p. 57; PIO XII, [1957], [n.p]).

A reflexão da Encíclica *Miranda Prorsus* em alguns aspectos da introdução e na comunicação da doutrina cristã acerca das considerações gerais, retratam e questionam o mal que o cinema, o rádio e a televisão podem causar à sociedade quando não são utilizados com a reta intenção. A exemplo disso, o número 7 apresenta as seguintes palavras “ Por isso, ninguém poderá admirar-se se o zelo pela salvação das almas adquiridas ‘não por coisas perecíveis [...] mas pelo precioso sangue de Cristo, cordeiro sem defeito e sem mancha’ (1 Pd 1,18-19), levou já em diversas ocasiões a suprema autoridade eclesiástica a chamar a atenção para a gravidade dos problemas que o cinema, o rádio e a televisão apresentam à consciência” (cf. DARIVA, 2003, p. 35; PIO XII, [1957], [n.p]).

Esta crítica aos meios de comunicação social descrita na Encíclica também é percebida e ilustrada na canção “De lá do interior” do compositor “Padre Zezinho” quando diz “Eu vim de lá do interior/ E sei que a religião/ Já não influi mais tanto/ Nas pessoas./ Sei que a televisão/ O rádio e o jornal/ Convencem mais cabeças/ Do que o padre lá no altar”.⁴⁷ A música apresenta a consequência deste mau uso dos meios de comunicação mencionado na Encíclica *Miranda Prorsus*, com a qual perde-se a credibilidade nas orientações e na doutrina cristã ensinados pelos membros da Igreja. Padre Zezinho, através da composição delinea a perda de influência da Igreja na sociedade com aspectos concretos do cotidiano a qualquer cidadão.

Ao final da Encíclica, Pio XII retoma o dever e a responsabilidade dos sacerdotes no conhecimento dos meios de comunicação social, assim como aos perigos e os dons que a televisão, o rádio e o cinema têm a oferecer para a Igreja Católica (cf. DARIVA, 2003, p. 64-65; PIO XII, [1957], [n.p]).

⁴⁷ Ver nota de rodapé 13, na página 9.

De igual modo, em 1959, o Papa São João XXIII (1959-1963), além de convocar o Concílio Vaticano II, exerceu uma contribuição significativa para a relação da Igreja com a comunicação quando instituiu oficialmente a Pontifícia Comissão da Cinematografia, Rádio e Televisão como permanente organismo da Santa Sé, através do Motu próprio *Boni Pastoris*. Aliás, o pontífice se manifestou favorável aos meios de comunicação com as seguintes palavras: “são bem conhecidas as grandes possibilidades que, tanto o cinema como a rádio e a televisão, oferecem para difundir-se uma cultura mais alta, uma arte digna deste nome e sobretudo o conhecimento da verdade” (cf. ALVARENGA, 2020, p. 11; JOÃO XXIII, 1959, [n. p]).

O Concílio Vaticano II foi o primeiro a tratar sobre os meios de comunicação social. Dele resultou o Decreto *Inter Mirifica*, com a qual nasceu uma nova terminologia, a expressão “comunicação social” para designar o assunto relacionado aos meios de comunicação social, pois os utilizados anteriormente não espremiavam as preocupações, os desejos e as perspectivas da Igreja. Esta nova nomenclatura foi interpretada como a comunicação entre seres humanos por incluir todas as formas de comunicação humana, inclusive através dos instrumentos técnicos de comunicação (imprensa, cinema, rádio e televisão). Outra novidade do decreto, foi a instituição do Dia Mundial da Comunicação com “o objetivo ensinar aos fiéis seus deveres no que diz respeito aos meios de comunicação” (cf. DARIVA, 2003, p. 68-69; PAULO VI, [1966], [n.p]).

O primeiro dia Mundial da Comunicação social aconteceu no primeiro Domingo de maio de 1967 em que o Papa Paulo VI (1963-1978) abordou o tema da responsabilidade no uso destes meios, com a responsabilização dos pais, da escola e dos jovens no intuito de consumir conteúdos não eram contrários a fé e doutrina da Igreja (cf. PAULO VI, [1967], [n. p]).

Além desses aspectos o Decreto também apontou a necessidade da criação de um secretariado mundial especializado nos meios de comunicação social. Este secretariado no ano de 1971, publicou a Instrução pastoral *Communio et progressio* como solução aos problemas que os meios de comunicação causaram. Ao final do Decreto, os padres Conciliares reafirmaram a mesma recomendação do Papa Pio XII da profissionalização eclesial nos meios de comunicação social. (cf. DARIVA, 2003, p. 69; PAULO VI, [1966], [n.p]).

Diante do exposto, percebe-se o amadurecimento da Igreja em relação a concepção e uso dos meios de comunicação. A Igreja Católica compreendeu que a presença dos meios de comunicação seria irreversível na sociedade e sua influência só aumentaria conforme a

experiência vivida nos séculos posteriores à emergência da Imprensa até televisão abordada neste capítulo. A maneira que os Papas e os bispos contribuíram para conter o mal uso destes meios, foi através da conscientização dos cristãos sobre os conteúdos perniciosos e contrários ao que a Igreja acredita. No próximo subitem, trabalharemos o advento da Internet e a necessidade do homem contemporâneo manifestar o seu relacionamento com o transcendente, bem como os modos de expressá-lo.

2.3 A influência do meio de comunicação social da música como manifestação da fé na Igreja Católica

Após conhecermos a gradual perda de influência da Igreja Católica, desde a Idade Moderna até nossos dias, neste subitem será apresentada a necessidade do homem se relacionar com o transcendente e algumas maneiras de expressar esse relacionamento por meio da comunicação social.

A religião é uma das formas do homem ser e se manifestar na sociedade. Esse modo de expressão, não é encontrado nos outros seres vivos, somente no homem. Battista Mondin nos diz que

Os antropólogos informam-nos que o homem desenvolveu atividade religiosa desde a sua primeira aparição na cena da história e que todas as tribos e todas as populações de qualquer nível cultural cultivaram alguma forma de religião. Ademais, é coisa mais que sabida que todas as culturas são profundamente marcadas pela religião e que as melhores produções artísticas e literárias, não só das civilizações antigas, mas também das modernas, se inspiram em motivos religiosos. E, portanto, razoável afirmar que o homem [...] é [um ser] religiosus. Nem o fato de que, hoje, a religião esteja atravessando crise profunda e se encontra muitos indivíduos que se afirmam ateus constitui argumento plausível contra a relevância do fenômeno religioso. [...] A dimensão religiosa se impõe como uma constante do ser humano, também se não é cultivada por todos os indivíduos da espécie (MONDIN, 200, p. 224).

Rampazzo acrescenta que

“do ponto de vista pessoal, a religião é uma atitude complexa, cheia de veneração e fascinação diante daquele Ser que nos supera e para o qual nos sentimos atraídos. Neste aspecto, a religião nasce do coração do homem, que procura descobrir o sentido último de sua origem e de seu destino” (RAMPAZZO, 1996, p. 52).

Diante dessa condição religiosa intrínseca ao homem, percebe-se um crescente movimento religioso por meio da comunicação social, principalmente nas mídias sociais⁴⁸.

⁴⁸ Segundo Cmlnhares (2013, [n. p]), a palavra mídia refere-se a qualquer instrumento ou meio de comunicação social, como o jornal ou o rádio. Esses meios de comunicação tradicionais podem ser caracterizados como uma via de mão única, na qual você tem poucas possibilidades de participar ou dar sua opinião a respeito. De forma geral o termo mídia também serve para designar a imprensa. As mídias sociais são por outro lado aquelas as quais possibilitam que você também se comunique, ou seja, são uma via de mão dupla. São instrumentos que permitem a criação e o intercâmbio de conteúdos, muitos dos quais gerados pelos próprios usuários. De acordo com a definição de Andreas Kaplan e Michael Haenlein, quando mencionamos mídias sociais estamos nos referindo às aplicações de internet fundamentadas nos conceitos da Web 2.0. O que inclui não só as redes sociais, mas também blogs, wikis e sites de compartilhamento. As redes sociais da internet são os serviços criados com o propósito de facilitar as relações sociais de pessoas que compartilham os mesmos interesses, experiências ou ainda conexões na vida real. São caracterizadas como plataformas interativas, que contam com uma grande variedade de serviços agregados.

Destaca-se as manifestações de pessoas que confessam religiões ocultistas, inclusive conceituam e demonstram de modo prático os rituais conforme a religião seguida.

Um exemplo disso, a CNN publicou uma reportagem que entrevista essas pessoas, principalmente na rede social “TikTok”. A reportagem dá o exemplo de um ritual que muito circula no “TikTok” que diz “Numa noite de agosto, centenas de pessoas usaram uma caneta marca-texto para escrever o maior desejo de cada uma em uma folha de louro. Em seguida, elas botaram fogo nas folhas de louro, deixando as cinzas caírem em uma tigela.” Estes rituais que crescem no “TikTok” possuem diversos nomes, como “WitchTok”, “SpiritualTikTok” e “AstrologyTikTok”. Tais nomenclaturas são uma espécie de abreviatura para definir as práticas compartilhadas entre os seguidores. Elas são oriundas de uma variedade de religiões, filosofias e culturas. É comum nestas religiões o fascínio pelo desconhecido e pelo irreconhecível (cf. BOHRA; WILLINGHAM, 2021, [n. p]).

Além disso, a religião se tornou uma profissão como é caso de Meredith Grubb. Ela contou que é

uma médium com vários vídeos virais no TikTok, contou ter feito milhares de leituras astrológicas e estar com a agenda cheia de reservas até janeiro. O aumento de interesse permitiu que ela começasse a usar a atividade profissionalmente. ‘Nunca foi minha intenção abrir um negócio. Minhas intenções eram ajudar a humanidade e ser capaz de compartilhar isso com o mundo. Foi aí que realmente começou’, contou Grubb (BOHRA; WILLINGHAM, 2021, [n. p]).

Outro exemplo desse modo expressar a religião nas mídias sociais aconteceu quando o Papa Bento XVI abriu uma conta na rede social “Twitter” e fez sua primeira publicação no dia 3 de dezembro de 2012. A reportagem afirmou que “o papa [Bento XVI] está convencido de que a Igreja tem que usar todos os meios de comunicação a seu alcance para divulgar o Evangelho” (cf. EXAME, 2012, [n. p]).

Diante do que foi exposto em relação a necessidade de expressar a religião que se professa, deparamo-nos com a última estrofe da música do “Pe Zezinho” “De lá do interior” que diz “Mas deixa eu lhe dizer/ Que eu ainda creio e quero crer/ Que sem religião não sei viver/ Não sei viver!/ Não sei viver!”⁴⁹ A arte poética do compositor manifesta essa necessidade do homem expressar sua crença através dos instrumentos midiáticos da comunicação social.

Além do mais, a música é um excelente instrumento de comunicação social para a evangelização da Igreja católica na sociedade. Estudos científicos constatam que a música quando utilizada para estimular o desenvolvimento desde o cérebro à saúde emocional.

⁴⁹ Ver nota de rodapé 13, na página 9.

Tamanho é o potencial deste instrumento de comunicação, que estudos comprovaram a contribuição da música no tratamento de doenças como a depressão e o Alzheimer (ARTUR, 2020, [n. p]).

Margareth Artur diz que

Diferentes tipos de música despertam diferentes emoções e evocam lembranças, provocando uma série de respostas no corpo humano. Assim, escutar música não é apenas lazer: a música pode ter efeitos terapêuticos e ser parte das estratégias de estímulo de áreas do cérebro que despertam os potenciais de aprendizagem (ARTUR, 2020, [n. p]).

Ainda nesta mesma perspectiva, apresenta que a música “não pode ser entendida sem levarmos em conta a subjetividade, o envolvimento lúdico e a transitividade que caracterizam a arte”. Ao escutá-la os nossos sentidos são modificados, inclusive nosso batimento cardíaco, nossa frequência respiratória e nossos ritmos elétricos cerebrais mudam conforme o ritmo e melodia. Outro ponto favorável da música, o estímulo cerebral causado pela canção aumenta a flexibilidade mental e a coesão social (cf. MUSZKAT, 2019, [n. p]).

É importante ressaltar, do mesmo modo que este instrumento de comunicação social beneficia as pessoas no seu desenvolvimento intelectual, também atua como elemento relacional entre as pessoas. Segundo Artur (2020, [n. p]),

a música é ainda mais fundamental na era atual, em que [as pessoas] tendem a se relacionar boa parte das vezes virtualmente, sem estabelecer contatos reais e relações que propiciem experiências de compartilhamento, de vivências com o outro para dividir questões que melhor se resolvem quando há vínculo afetivo (ARTUR, 2020, [n. p]).

Para além dessas informações científicas, o Padre Zezinho foi ordenado depois do Concílio Vaticano II, quis colocar em prática o Decreto *Inter Mirifica* que convocava os cristãos a se profissionalizar na evangelização através dos instrumentos de comunicação social (cf. PAULO VI, [1966], [n. p]). Este sacerdote foi o pioneiro neste modo de evangelização no Brasil, inclusive na composição de músicas e inserção de novos instrumentos a serem cantados e tocados na liturgia. O Padre Zezinho “sempre quis fazer uma evangelização cantada, escrita, falada para todas as Igrejas”. Além de estudar a música, o Padre leu e estudou sobre sociologia, pedagogia, psicologia, psiquiatria, especialmente a psicopedagogia. Outro aspecto utilizado pelo compositor foi a escrita e canto que repercutiam a vida do caiçara⁵⁰, do caboclo⁵¹ e do caipira⁵². Esses grupos de pessoas compunham a maioria

⁵⁰ Essa expressão expressa a vida de alguém que vive uma vida simples. Segundo Dicio caiçara tem o mesmo significado que “caipira. Pescador que vive na praia” (cf. CAIÇARA, 2021, [n. p]).

⁵¹ Segundo o Dicionário Dicio o termo caboclo significa: “pessoa que resulta da mistura de branco com índio. Caburé; indivíduo de cor moreno-acobreada e cabelos muito lisos. Caipira; pessoa humilde que vive no campo e tem costumes simples ou rústicos. Nome atribuído aos descendentes de índios que, geralmente miscigenados,

dos brasileiros no início deste ministério. Ressalta-se que graças a esta linguagem fácil e simples das composições do Pe Zezinho, elas foram e ainda são conhecidas por um grande número de pessoas de todas as idades, desde crianças a idosos (cf. RUIZ; DALABENETA, 2019, p. 41-43.50-51).

Além do Decreto Conciliar *Inter Mirifica*, o Padre Zezinho colocou em prática os documentos relacionados a atualização da comunicação social na Igreja. Um destes documentos é a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* que aborda a evangelização no mundo contemporâneo. As canções de Padre Zezinho perpassam de modo especial os números 45, 49, 51 e 52. Com relação ao número 45, o documento pontifício recomendava o uso dos meios de comunicação social para realizar “o primeiro anúncio, a catequese, ou o aprofundamento ulterior da fé, [...] tais meios são suscetíveis de ampliar, quase até o infinito, o campo para poder ser ouvida a palavra de Deus”. No número 49, a Exortação faz o apelo ao anúncio universal do evangelho, algo que já foi dito anteriormente sobre as músicas do Padre Zezinho. Em continuidade ao número 49, o número 51 e 52 apresentam a necessidade do anúncio aos que nunca foram evangelizados, uma realidade tão comum em nossos dias. Enquanto o primeiro demonstra a necessidade de evangelização, o segundo contextualiza a descristianização que a sociedade vive (cf. PAULO VI, 2005, p. 53-54.59.61-62).

Após as evidências expostas neste subitem, percebe-se o bem que a música faz à Igreja quando utilizada a favor da evangelização por meio da exposição da fé católica. Outro ponto importante, verificou-se o poder da música não só para a evangelização como também como instrumento terapêutico eficaz para o bem-estar físico dos homens.

tem por hábito a vida rústica e isolada do convívio, às vezes, sem determinação étnica” (cf. CABOCLO, 2021, [n. p]).

⁵² O dicionário Dicio apresenta os seguintes significados para a palavra caipira: “Homem da roça ou do mato; matuto, capiau. Pessoa tímida e acanhada” (cf. CAIPIRA, 2021, [n. p]).

CONCLUSÃO

A breve explanação da história da Igreja foi um excelente caminho para evidenciar os grandes desafios enfrentados pela Igreja Católica. É também por meio dela que foi possível conhecer sua influência política, cultural, social e religiosa nas diversas modalidades de sociedade no mundo. Acrescenta-se a estes acontecimentos o advento dos meios de comunicação que diretamente ou indiretamente interferiram no relacionamento da Igreja Católica com a sociedade nos períodos da História da humanidade.

O contexto rural da sociedade na Idade Média favoreceu para a Igreja exercer forte influência política nos regimes governamentais da época. Até mesmo quando estes sistemas societários ruíram, foi o cristianismo que sustentou a permanência de um referencial a ser seguida pelos povos.

Ressalta-se que os costumes cristãos faziam parte da cultura vigente dos povos, os soberanos destes sistemas de governo priorizavam a educação de seus filhos e da nobreza fundamentados na disciplina e no conhecimento fornecidos pelas escolas. Estas instituições costumavam ser administradas pelos mosteiros ou congregações que salvaram a Igreja Ocidental em momentos de crise.

Outro momento crucial para o desenvolvimento humano foi a Cristandade. Neste tempo, a Europa Ocidental experimentou o auge do cristianismo e o maior desenvolvimento político, cultural, social. Recorda-se que não havia os meios de comunicação social com esta nomenclatura, entretanto o cristianismo no Ocidente utilizou de todos os meios para o anúncio do evangelho e doutrina na fé católica.

Na transição entre Idade Média e Idade Moderna, ocorrida nos séculos XIII e XIV, houve uma mudança de mentalidade. A sociedade motivada pela separação entre Igreja e Estado substituiu o teocentrismo pelo antropocentrismo, na qual os ensinamentos e diretrizes da Igreja poderiam ser avaliados e aderidos pelos homens como mais uma possibilidade de crescimento humano e intelectual. Além disso, a evolução técnico-científica proporcionou o surgimento dos meios de comunicação social.

No alvorecer da Idade Moderna, a Igreja confrontou com a Reforma Protestante. A divulgação da imprensa como meio de comunicação só foi bem sucedida pelo amplo uso da Reforma Protestante na difusão de sua doutrina e fé segundo o pensamento de Martin Lutero. Este acontecimento, marcou o rompimento da sociedade com o cristianismo, enquanto Igreja

Institucional. Até o século XIX, não haverá outro meio de comunicação social (livros, panfletos, e outros meios impressos) tão expressivo como os advindos da imprensa gutenbergeriana. É justamente por causa da Reforma Protestante que a Igreja Católica iniciou a censura e repressão aos meios de comunicação social.

Além da Reforma Protestante, o processo de secularização da sociedade contribuiu ainda mais para a dessacralização do homem por meio das seguintes transformações: reivindicação de total autonomia do homem frente a qualquer imposição externa; rejeição das respostas prontas provenientes de argumentos da autoridade; a razão humana é colocada em primeiro plano; distanciamento e oposição entre fé e ciência; substituição da intervenção sobrenatural pela confiança ilimitada na capacidade intelectual; e o verdadeiro progresso do espírito são as evoluções técnicas e científicas.

Estas características modernas são baseadas no iluminismo juntamente com outros movimentos emergentes na transição da Idade Moderna para Idade Contemporânea que favoreceram a Revolução Francesa, outro marco importante na história da Igreja Católica. A partir deste fato histórico, há o rompimento do homem com Deus, pois os ideais da Revolução Francesa substituíam o teísmo pelo deísmo.

Tanto na Idade Moderna, quanto na Idade Contemporânea, as tentativas da Igreja Católica em coibir e proibir os meios de comunicação vigentes foram frustradas, principalmente àqueles que não professavam a fé católica. Entretanto, as mudanças de época permitiram a Igreja mudar seu ponto de vista de coerção e proibição para o incentivo dos instrumentos de comunicação social.

A partir desta nova visão, foi possível que a comunicação social fosse pauta do Concílio Ecumênico Vaticano II e os membros da Igreja Católica incentivados a aprofundar, e até mesmo, se profissionalizar nos meios de comunicação social para a difusão do Evangelho e da doutrina católica. É nestas décadas que emergiram os novos meios de comunicação social (rádio, cinema e televisão). Nesta mesma perspectiva, surge o Padre Zezinho com suas composições musicais. Este pioneirismo protagonizado por Padre Zezinho permitiu vislumbrar a força da evangelização por meio deste eficaz instrumento que é a música.

A música cristã composta por Padre Zezinho se tornou conhecida na liturgia e nas canções que refletiam a vida cotidiana do homem simples da zona rural. Vale lembrar que a música possui uma eficácia muito expressiva na sociedade que se move a partir dos sentimentos e emoções. Portanto, após traçar a evolução do relacionamento, unido a influência entre a Igreja Católica e a sociedade, foi possível compreender a importância e a influência dos meios de comunicação na evangelização da Igreja. De maneira específica, a

arte poética exercida pelo Padre Zezinho por meio da música demonstrou a atualidade deste meio de comunicação perante aos atuais desafios da Igreja em alcançar os corações da pessoas.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE VII, Papa. **Decreto *Sacra Congregatio del S. Uffizio***. Disponível em: <http://www.chiesaecomunicazione.com/doc/decreto_sacra-congregatio-del-s_uffizio_1659.php>. Acesso em: 10 nov. 2021.

ALVARENGA, R. C. Igreja Católica e os meios de comunicação social: apontamentos sobre as fases da relação Igreja-comunicação a partir dos documentos pontifícios. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 43, 2020, virtual. **Anais eletrônicos...** São Luís: [s. n.], 2020. p. 1-16. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2222-1.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

AQUINO, F. R. Q. **História da Igreja – Idade Média**. 3. ed. Lorena: Cléofas, 2018a.

AQUINO, F. R. Q. **História da Igreja – Idade Moderna e Contemporânea**. 2. ed. Lorena: Cléofas, 2018b.

AQUINO, F. R. Q. **Uma história que não é contada – O trabalho da Igreja Católica para salvar e construir a nossa civilização**. Lorena: Cléofas, 2008.

ARTUR, M. **Música pode estimular do desenvolvimento do cérebro à saúde emocional**. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-biologicas/musica-pode-estimular-do-desenvolvimento-do-cerebro-a-saude-emocional/>>. Acesso em: 09 dez. 2021.

BAIARDI, A. Mudanças técnicas na agricultura medieval e o processo de transição para o capitalismo. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.14, n.3, p.449-464, 1997. Disponível em: <<https://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/viewFile/8980/5090>>. Acesso em: 02 nov. 2021.

BENTO XIV, Papa. ***Costituzione Sollicita ac provida***. Disponível em: <http://www.chiesaecomunicazione.com/doc/costituzione_sollicita-ac-provida_1753.php>. Acesso em: 10 nov. 2021.

BOHRA, N; WILLINGHAM, A. **‘WitchTok’: o novo fascínio pela astrologia e o ocultismo na era do Tiktok**. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/wichtok-o-novo-fascinio-pela-astrologia-e-o-ocultismo/>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

BONANATA, E.; COLLET, A. **A Rádio do Papa completa 88 anos: dos transmissores de Marconi às redes sociais**, Vaticano, 2019. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2019-02/radio-vaticano-88-anos.html>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

BRAICK, P. R.; MOTA, M. B. **História das cavernas ao terceiro milênio, volume único**. 3. ed. reformulado e atualizado. São Paulo: Moderna, 2007.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias; revisão técnica Paulo Vaz. 2. ed. revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

CABOCLO. *In.*: DICIO, **Dicionário online** de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/caipira/>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

CAIÇARA. *In.*: DICIO, **Dicionário online** de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/caicara/>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

CAIPIRA. *In.*: DICIO, **Dicionário online** de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/caipira/>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

CHIMENTÃO, B. L. Objetivos e realizações de Anna Comnena a partir da obra Alexíada (séculos XI e XII). **Revista Cadernos de Clio**, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 117-144, 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/clio/article/download/41567/26462>>. Acesso em: 03 nov. 2021.

CLEMENTE VIII, Papa. **Costituzione Sacrosanctum catholicae**. Disponível em: <http://www.chiesaecomunicazione.com/doc/costituzione_sacrosanctum-catholicae_1595.php>. Acesso em: 10 nov. 2021.

CLEMENTE XIII, Papa. **Lettera enciclica Christianae Reipublicae salus**. Disponível em: <http://www.chiesaecomunicazione.com/doc/lettera-enciclica_christianae-reipublicae-salus_1766.php>. Acesso em: 10 nov. 2021.

CMLINHARES. **Mídias Sociais: Conceito e definição**. Disponível em: <<https://www.internetinnovation.com.br/midias-sociais-conceito-e-definicao/>>. Acesso em: 09 dez. 2021.

CONCÍLIO DE TRENTO. **Sessão XVIII, Decreto De librorum delectu**. Disponível em: <http://www.chiesaecomunicazione.com/doc/decreto_de-librorum-delectu_1562.php>. Acesso em: 05 nov. 2021.

CONTE, J. O início: Sexto Empírico e o ceticismo pirrônico. **Revista Cult**. São Paulo, 121, [n. p], fev. 2008. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/o-inicio-sexto-empirico-e-o-ceticismo-pirronico/>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

DARIVA, N (Org.). **Comunicação Social na Igreja: documentos fundamentais**. São Paulo: Paulinas, 2003.

DEFLEUR, M. L.; BALL-ROKEACH, S. **Teorias da Comunicação de Massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

DEÍSMO. *In.*: **Oxford English Dictionary**. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 2021b. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=de%C3%ADsmo&rlz=1C1SQJL_pt-BRBR832BR834&sxsrf=AOaemvJebYISFdJFBIIWM02RTtc79ltBhg%3A1638060324669&ei=JNGiYbupKOLN1sQPu5yrwAg&ved=0ahUKEwi7y5ae6rn0AhXippUCHTvOCogQ4dUDCA4&uact=5&oq=de%C3%ADsmo&gs_lcp=Cgdnd3Mtd2l6EAMyBAGjECcyBAGjECcyBAGjECcyBQgAEIAEMgUIABCABDIFCC4QgAQyBQgAEIAEMgUIABCABDIFCAAQgAQyBQgAEIAEOgcIIxCwAxAnOgcIABBHELADogcIIxDqAhAnOgQIABBDOggIABCABBCxAzoRCC4QgAQQsQMqgWEQxwEQ0QM6BAguEEM6EAgUELEDEIMBEMcBEKMC>

EEM6DgguEIAEELEDEMcbBENEDSgQIQRgAUL4EWOMkYKInaAJwAngDgAHQAYgB_xySAQYwLjI5LjGYAQCgAQGwAQrIAQnAAQE&sclient=gws-wiz>. Acesso em: 10 nov. 2021.

ECCLESIA. **Os Santos Padres da Igreja.** Disponível em: <http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/os_santos_padres.html>. Acesso em: 02 nov. 2021.

EPICURISMO. *In.: Oxford English Dictionary.* 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 2021b. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=epicurismo+significado&rlz=1C1SQJL_pt-BRBR832BR834&sxsrf=AOaemvL-cGvOD7sS6mzZTRy2r7Maa73Sdw%3A1638061619258&ei=M9aiYdCZD-qx5OUPupWimAw&ved=0ahUKEwiQ_72H77n0AhXqGLkGHbqKCMQ4dUDCA4&uact=5&oq=epicurismo+significado&gs_lcp=Cgdnd3Mtd2l6EAMyCQgjECcQRhD5ATIGCAAQBxAeMgYIABAHEB4yBAgAEB4yBAgAEB4yBAgAEB4yBAgAEB4yBggAEAgQHjIGCAAQCBAeMgYIABAIEB46BAgAEEM6BwgAELEDEEM6CAgAEIAEELEDOgUIABCABDoICAAQBxAKEB46CQgAEA0QRhD5AToECAAQDTolCAAQCBAHEB5KBAhBGABQAFjbIGCALWgBcAJ4AIABjQGIAywLkgEEMC4xMpgBAKABAcABAQ&sclient=gws-wiz>. Acesso em: 10 nov. 2021.

EXAME. **Papa Bento XVI abre conta no Twitter.** Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/papa-bento-xvi-abre-conta-no-twitter/>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.** 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FRÖHLICH, R. **Curso básico de História da Igreja.** Tradução e adaptação Alberto Antoniazzi. 3. ed. São Paulo: Paulus, 19

GOMES Jr, J. A publicidade no rádio: origem e evolução. **Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação**, Manaus, n. XXIII, p. 1-10, 2000. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/40c31f36d4d023b0726c48094dd32b21.pdf>>. Acesso em 02 nov. 2021.

HELIOCENTRISMO. *In.: DICIO, Dicionário online de Português.* Porto: 7Graus, 2021 Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/heliocentrismo/>>. Acesso em: 02 nov. 2021.

HOLMES, J. D.; BICKERS, B. W. **História da Igreja Católica.** Tradução Victor Silva. 3. ed. Lisboa: 70, 2006.

JOÃO XXIII, Papa. **Motu Próprio *Boni Pastoris*.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/motu_proprio/documents/hf_j-xxiii_motu-proprio_22021959_boni-pastoris.html>. Acesso em: 20 nov. 2021.

KOSHIBA, L. **História: origens, estruturas e processos: ensino médio.** São Paulo: Atual, 2000.

LEÃO XIII, Papa. **Discorso *Ingenti sane laetitia*.** Disponível em: <http://www.chiesaecomunicazione.com/doc/discorso_ingenti-sane-laetitia_1879.php>. Acesso em: 15 nov. 2021.

LEIBNIZ, G. W.; CANUTO, H. K. P.; PIAUÍ, W. S., trad. Dissertação sobre a origem dos franceses. **Prometeus Filosofia**, v. 11, n. 29, p. 313-345, 20 abr. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.52052/issn.2176-5960.pro.v11i29.11255>. Acesso em: 29 set. 2021.

MATOS, H. C. J. **Caminhando pela História da Igreja, volume II**. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1995.

MATOS, H. C. J. **Introdução à História da Igreja, volume 1**. 5. ed. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1997.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **História e Evolução dos hospitais**. 2. ed. [S.l.:s.n.], 1965. 588p. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd04_08.pdf>. Acesso em: 21 set. 2021.

MONDIN, B. **O Homem, quem é ele?: Elementos de Antropologia Filosófica**. Tradução R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. 13. ed. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Filosofia)

MUSZKAT, M. Música e Neurodesenvolvimento: em busca de uma poética musical inclusiva. **Literartes**, São Paulo, v. 1, n. 10, p. 233-243, 2019. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/163338>>. Acesso em: 03 dez. 2021.

NATIONAL GEOGRAPHIC. A revolução da técnica agrícola medieval. **História**, Portugal, 2017. Disponível em: <<https://nationalgeographic.pt/historia/actualidade/1598-a-revolucao-da-tecnica-agricola-medieval>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

PADRE ZEZINHO. “De lá do interior”. In _____. *Álbum Sol Nascente, sol poente* (CD). São Paulo: Gravadora Paulinas, 1990, faixa 3.

PAULO VI, Papa. **Decreto *Inter Mirifica***. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html>. Acesso em: 25 nov. 2021.

PAULO VI, Papa. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi***. 18. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

PAULO VI, Papa. **Mensagem do Papa Paulo VI para o 1º Dia Mundial das Comunicações Sociais**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19670507_i-com-day.html>. Acesso em: 18 out. 2021.

PIERINI, F. **A Idade Média: Curso de História da Igreja, 2**. Tradução José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1998.

PIERRARD, P. **História da Igreja**. Tradução Álvaro Cunha. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

PIO IV, Papa. **Bolla *Dominici gregis***. Disponível em: <http://www.chiesaecomunicazione.com/doc/bolla_dominici-gregis_1564.php>. Acesso em: 10 nov. 2021.

PIO XI, Papa. **Carta Encíclica *Vigilanti Cura***. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_29061936_vigilanti-cura.html>. Acesso em: 15 nov. 2021.

PIO XII, Papa. **Carta Encíclica *Miranda Prorsus***. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_08091957_miranda-prorsus.html>. Acesso em: 15 nov. 2021.

PUNTEL, J. T. A Igreja a caminho na Comunicação. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 221-242, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/download/9755/6685/>>. Acesso em: 02 nov. 2021.

PUNTEL, J. T. *Cultura midiática e igreja: uma nova ambiência*. São Paulo: Paulinas, 2005.

PUNTEL, J. T. *Inter mirifica: Texto e comentários*. São Paulo: Paulinas, 2012.

RAMPAZZO, L. **Antropologia, religiões e valores cristãos**. São Paulo: CEDAS/ Loyola, 1996.

RUIZ, E. M.; DALABENETA, E. As chaves de leitura do pensamento do Padre Zezinho: um diálogo em busca do sentido de um projeto de vida. **TQ - Teologia em Questão**, Taubaté, ano XVIII, n. 36, p. 39-52, nov. 2019. Disponível em: <<https://tq.dehoniana.com/tq/index.php/tq/article/view/266/227>>. Acesso em: 29 set. 2021.

SCHWIRKOWSKI, A. J. Perfil historiográfico do Padre José Fernandes de Oliveira: Tradição, profecia e sinais dos tempos. **TQ - Teologia em Questão**, Taubaté, ano XVIII, n. 36, p. 13-38, nov. 2019. Disponível em: <<https://tq.dehoniana.com/tq/index.php/tq/article/view/265/226>>. Acesso em: 29 set. 2021.

SILVA, M. P.; FRANCO, G. Y. Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 4, n. 8, p. 1-11, jul./dez. 2010.

SILVA, W. S. **Em um dia como hoje, Pio XI inaugurou a Rádio Vaticano há 90 anos**, Vaticano, 2021. Traduzido e adaptado por Nathália Queiroz. Disponível em: <<https://www.acidigital.com/noticias/em-um-dia-como-hoje-pio-xi-inaugurou-a-radio-vaticano-ha-90-anos-14556>>. Acesso em: 15 nov. 2021.

SOUSA, R. G. **Humanismo**, [s.l], [s. d.]. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/humanismo.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2021.

ZAGHENI, G. **A Idade Moderna: Curso de História da Igreja, 3**. Tradução José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1999.

Fazer referência do documento INTER SOLLICITUDINES, 1515, [n. p]).